

A LAVOURA

BOLETIM

DA

SOCIEDADE NACIONAL

de Agricultura

HORTO DA PENHA



MUDAS DE PINHEIRO

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Caixa-postal, 1245
Endereço Telegraphico, AGRICULTURA
Telephone n. 1416

Sede: Ruas da Alfandega n. 108
e General Camara n. 127
RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA

Presidente — Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello.

- 1º Vice-presidente — DR. SYLVIO FERREIRA RANGEL.
2º Vice-presidente — DR. JOSÉ RIBEIRO MONTEIRO DA SILVA.
3º Vice-presidente — DR. ANTONIO PACHECO LEÃO.

Secretario Geral — DR. FRANCISCO TITO DE SOUZA REIS.

- 1º Secretario — DR. JOÃO FULGENCIO DE LIMA MINDELLO.
2º Secretario — DR. BENEDICTO RAYMUNDO DA SILVA.
3º Secretario — ALBERTO JACOBINA.
4º Secretario — DR. VICTOR LEIVAS.

1º Thesoureiro — CARLOS RAULINO.

2º Thesoureiro — DR. JOÃO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ JUNIOR.

Directores das Secções

Horto da Penha	Dr. Wenceslão Bello.
Fazenda de Santa Monica	Dr. Sylvio Rangel.
Secretaria	Dr. João Fulgencio de Lima Mindello.
Alcool e Museu	Dr. Benedicto Raymundo.
Secção Technica	Dr. Souza Reis.
Bibliotheca	Dr. Victor Leivas.
Plantas e sementes	Dr. Monteiro da Silva.
Propaganda e estatistica	Alberto Jacobina
Thesouraria	Carlos Raulino.

Collaboração

Serão considerados collaboradores não só os socios como todos que quizerem servir-se destas columnas para a propaganda da agricultura, o que a redacção muito agradece. A lista dos collaboradores será publicada annualmente com o resumo dos trabalhos.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

Os originaes não serão restituídos.

As communicções e correspondencias devem ser dirigidas á Redacção d'A LAVOURA na sede da Sociedade Nacional de Agricultura.

A LAVOURA não acceita assignaturas.

E' distribuida gratuitamente aos socios e annunciantes da Sociedade Nacional de Agricultura.

Condições da publicação dos annuncios

VEZES	MEIA PAGINA	UMA PAGINA
1	12\$000	20\$000
3	30\$000	50\$000
6	50\$000	90\$000
12	90\$000	170\$000

Os annuncios são pagos adeantadamente.

Tiragem 5.000 exemplares

SUMMARIO

	PAGS
A batata doce	205
Diagnostic de uma enfermidade dos gallinaceos	210
Galeria	212
Conferencia	217
A Bananeira	222
A Lavoura nos Estados	228
Lavoura no Estrangeiro	231
Noticiario	237
Expediente	249
Parte Commercial	257

Culturas indígenas

II

A BATATA DOCE

A batata doce (*Convolvulus batata* L.) é uma planta herbácea, vivaz, volúvel, não trepadeira, da família das convolvuláceas. Contam-se quatro espécies subdivididas num grande numero de variedades que, por serem muito conhecidas, deixamos de enumerar-as. A sua origem é ainda muito obscura; dizem, porém, os botânicos que ella é originária dos dois hemisphérios.

HABITAT E SOLOS — Cultiva-se em toda parte dos paizes de clima quente e chuvas moderadas. Tem grande área geographica: vegeta aos 46° de ambos os lados do equador.

Requer terras de boa qualidade, silico-argilosa, mais leve que forte.

A ella, como a todas as plantas, lhe é necessaria a humidade, mas, como todos os tuberculos ou plantas, raizes tem-na em demasia, o que nos conduz a dizer que é preferivel um solo relativamente secco a um muito humido. As terras novas, de desmontes recentes, lhe convem; se forem, porém, argilosas compactas sómente o primeiro anno depois desta operação é que vegetam bem.

O solo destinado á batata deve receber uma lavra de 0^m,20 e 0^m,25 no maximo; gradeagens, etc., etc., quanto mais, melhor. As lavras profundas têm seus inconvenientes e vantagens: assegura a humidade constante que se armazena no solo durante a estação das chuvas, difficulta, porém, por sua vez, a colheita porque os tuberculos se aprofundam muito.

REPRODUÇÃO E SELECÇÃO — Raramente floresce, produz grãos muito accidentalmente. Na America, creavam pela cultura de grãos dez variedades novas muito productivas e ligeiras. Em cultura corrente a propagação é feita pelos tuberculos, ou ainda melhor, com toros de rama, que é aliás o mais geralmente usado.

Deve-se colher a rama dos pés mais vigorosos, mais resistentes, de maior carga em tuberculos vendaveis, tanto em quantidade como em qualidade e que sejam bem formados. Servindo-nos do tuberculo como semente, convém escolher os medianos, pesados e que a sua vegetação tenha sempre sido irreprehensivel, como ficou dito para a rama.

Posto que desta sorte não creamos uma varietade nova, nem por nenhum outro meio de reprodução artificial, melhora-se sensivelmente a variedade que cultivamos com palpavel augmento na colheita, e não trazendo esta ligeira pratica nenhum augmento nas despesas ou nenhum incommodo para o lavrador, aconselhamos incessantemente que a pratiquem.

PLANTAÇÃO E CULTURA — Nada diremos da época da plantação que varia de lugar para lugar; mas diremos que, onde se dispõe de agua ou de humidade no solo que assegure a sua vegetação, podemos plantal-a em todo decorrer do anno.

A plantação por tuberculo pratica-se assim: dividiremos este em dois ou tres pedaços, que aliás é pratica pouco aconselhavel; partindo-os ao meio é muito preferivel, e de cada pedaço deve cortar-se varios olhos.

Da plantação feita com a rama descrevemos sómente o seguinte processo por ser o unico razoavel: corta-se a rama em pedaços de 20 a 30 centimetros de comprimento e cada pedaço deve ter tres ou quatro nós e serão plantados a 15 centimetros de profundidade, isto é, pela metade do pedaço da rama posto obliquamente na terra, dando-se então uma ligeira compressão com o pé para bem adherir ao solo.

As covas são abertas sobre as linhas de 30 a 40 centimetros e de 50 a 60 entre as linhas. O melhor afastamento, segundo nós pensamos, é de $0^m,50 \times 0^m,60$ ou sejam 23.200 covas por hectare.

Logo que apparecem as primeiras folhas, principiam-se as limpas á enxada, á mão ou a cavallo, tantas vezes quantas forem necessarias para obstar o desenvolvimento das plantas damninhas no terreno do batatal.

Na segunda ou terceira limpa abacela-se. Não convém esquecer esta operação que é de grande utilidade para a batata. Devemos ter todo cuidado nestes trabalhos para não se ferirem os tuberculos superficiaes que perigam apodrecer.

MATURAÇÃO E COLHEITA — Depois de quatro ou cinco mezes de vegetação, quando a folhagem principia a amarelecer, a batata deve ser colhida. Não convém ultrapassar muito desta época, porque os tuberculos ficam duros, lenhosos e consequentemente de qualidade inferior.

Para gasto do lavrador não é preciso, em rigor, este signal para colher-se.

Esta operação deve ser praticada em um dia de sol para se deixar os tuberculos no campo do batatal, cobertos com hervas e folhas, etc., um ou dois dias. As raizes sem valor, devemos deixar ficar no campo enterradas, que dois mezes mais tarde nos darão uma nova e abundante colheita.

RENDIMENTO — E' demasiado variavel: numerosos factores têm decidida influencia e entre estes enumeramos: o afolhamento, o preparo do solo e sua fertilisação e humidade.

Cada cova produz dois a quatro tuberculos, pezando cada um 200 a 300 grammas na media, mas este pezo pôde elevar-se até a 10 kilogrammas, e em Java um só tuberculo pezou 22ks.650 grammas !

Temos obtido tuberculos de 1k.500 a tres kilogrammas em terrenos fortemente argilosos e não bem preparados e com ausencia completa de qualquer correctivo; em razantes os de 1k,800 grammas não são raros. Eis a vantagem da plantação em estacas ou tôros: dá-nos menos tuberculos, porém muito mais vendaveis; o plantio em *rego* ou *rodilha* a carga é consideravelmente maior, porém pouco vendaveis.

O rendimento por hectare está comprehendido entre 10 a 20 mil kilogrammas, média 15 mil que podemos obter mui facilmente.

A colheita em folhas e ramas é abundante: obtem-se de 20 a 80 mil kilogrammas em estado verde, média 50 mil, ou de cinco a 20 mil kilogrammas em feno de superior qualidade, média 12 mil kilogrammas.

Pensamos que poucas plantas podem rivalizar com esta rainha de nossos campos, guardando-se, porém, as respectivas proporções de tempo, emprego de capital, cuidados, etc., etc.

O *decote* não se deve fazer, sob pena de occasionar um grande prejuizo na colheita: a folha é o laboratorio do amido e do assucar — as principaes substancias da batata; não obstante, por falta de forragem para os animaes da fazenda, podemos fazel-o, porém a 1^m,50 do pé. Uma grande exuberancia folheacea é igualmente desfavoravel ao tuberculo, que pôde por isto apodrecer.

O rendimento em amido é de 12 a 20 %; em assucar de cinco a 10 %; em alcool absoluto de 5,73 %.

CONSERVAÇÃO — A batata doce é de difficil conservação e tanto peor quando são colhidas sem observação dos signaes indicativos que descrevemos acima. Na Nova Zelendia põem em silos, que consistem numa fossa um tanto profunda, situada em lugar fresco e secco, que, depois de bem arrumados os tuberculos, se cobre com terra.

Pensamos que podemos adoptar para conservál-os o systema preconizado pelo Dr. Cathelineau destinado á conservação do tupinambá: Um leito de lenha de 30 a 40 centimetros; um leito de tuberculos com a terra que o guarnece, um leito de terra e assim seguidamente (1).

(1) Vide o *Almanach du Cultivateur* de 1904, pag. 64 e seg.

Desta maneira, diz o auctor, se conservam admiravelmente bem, não se descompõem como quando são ensilados desguarnecidos de terra. Charabot affirma que alguns methodos ensaiados ultimamente para conservação da batata têm dado bons resultados. Ainda podemos conservá-las em aparas seccas ao sol destinadas a differentes fins.

FORRAGENS — Os tuberculos são para todos animaes uma excellente forragem verde, alimento muito digestivel, fazendo augmentar sensivelmente o leite das vaccas. Podem as aparas entrar nas rações como succedaneo dos residuos etc.

As ramas em estado verde são reputadas, com justa razão, como forragem de primeira ordem, igualando-se as melhores e convertidas em feno diz Lescure: “um kilogramma em estado secco vale tres kilogrammas do melhor feno”.

As folhas e ramas da batata são muito mais digeriveis que qualquer dos capins de que dispomos, devido a ausencia completa de pellos (1), e tem como as demais forragens de nosso clima uma quantidade pouco mais ou menos igual de cêra na sua epiderme, que muito difficulta as digestões (2).

COMPOSIÇÃO E FERTILIZAÇÃO — Eis segundo Emmaus citado por Heuzé, a composição media da batata doce:

	%
Agua	62.250
Amido	19.975
Assucar.	6.550
Materias albuminoides	1.275
» organicas e pectose.	2.100
Cellulose	1.850

Outra segundo Porte, citado por Diboursk:

Agua	68.00
Amido	14.40
Glucose.	3.70
Albumina e materias azotadas	1.25
Materias gordas e resinosas	0.55
Tecido lenhoso	11.05
Saes mineraes e cinzas.	1.65
	1.80
	12.70

(1) » Schribaux et Vanot—Botanique Agricole, pag. 73.

(2) » Schribaux et Vanot—Obr. cit., pag. 70.

Para comparação das duas batatas — doce e inglesa (*solanum tuberosum*) damos abaixo a sua analyse tirada das *Tables* de Wolff:

	%
Agua	75,0
Cinzas	0,9
Materias proteicas	2,1
Cellulose	1,1
Materias amilaceas	20,7
Gordura	0,2

Vê-se por estas analyses que a batata doce é muito alimenticia e para não entrarmos em analyse comparativa, fazemos nossas as palavras de Necholls: ella contem mais principios nutritivos que a batata commum, que é a base da nutrição dos aldeões de Irlanda. As variedades vermelhas são sempre em igualdade de condições mais alimenticias que as brancas.

A composição das cinzas segundo Bethencourt é a seguinte:

	%
Potassa	0,542
Cal	0,060
Acido phosphorico.	0,110
Azoto	0,401

Para uma colheita de 10.000 kilogrammas precisamos levar ao solo as seguintes quantidades de:

	Klog.
Potassa	54.200
Cal	6.000
Acido phosphorico.	11.600
Azoto	40.100

Os estrumes vegetaes e animaes são propicios, 25.000 kilogrammas por hectare constitue uma boa estrumação, posto que não seja completo; as suas ramas e folhas lhes convem muito (1).

O afolhamento (2) deve ser triennal. Não devemos occupar constantemente um mesmo solo com a cultura da batata, salvo em solos muito ricos em potassa, ou terras banhadas por enchentes.

(1) Vide as seguintes obras: Dr. Wencesláo Bello — *O Preparo do solo*. Muntz et Girard — *Les Engrais* 1º vol. pag. 470 ; Garola — *Les Engrais* pag. 162.
 (2) Vide a "Lavoura", n. 40, de 1898, pag. 119 e seguintes.

PRODUCTOS — No livro de James Fitz-Sweet *Potato Culture* — no capitulo III, encontramos a descripção de todos os productos desta maravilhosa planta. E' succedanea da inglesa nos differentes misteres da arte culinaria, sendo empregada na confeitaria, na doçaria com geral agrado dos gastrônomos... Em nova Orleans obtem-se pela fermentação dos tuberculos uma bebida alcoolica muito agradável; em Guadeleye, Maurícia e Reunião extraem a fecula, que é muito estimada; e o autor citado faz notar que na America ha annos exportam para a Inglaterra uma especie de amido para alimentação de seu exercito.

DOENÇAS — Não podemos melhor fazer que enviar o leitor ás pag. 78 e seguintes da «Lavoura» nos 1 a 3 de janeiro a março de 1902. Ahi encontrarão não somente a descripção e estudo das molestias, como também os seus tratamentos devido a penna Mr. C. O. Trownsend.

BIBLIOGRAPHIA — O leitor desejoso de melhores conhecimentos poderá consultar, com reaes proveitos, as seguintes obras :

P. de Moraes — *Manual de Agricultura*, 1º vol.

Sevariaux — *L' Agriculture au Dahomey*.

Revière et Lecq — *Manuel Pratique d'Agriculture Algérien*.

Dibowisk — *Traité des Cultures Tropicales*.

G. Henzé — *Les Plants Aliment. des Pays Chauds*.

Nicohls et Raul — *Petit Traité d'Agriculture Tropicale*.

H. Jumelle — *Les Cultures Coloniales*, 1º vol.

Jornal de Agricultura. (Rio) ns. 19 e 23 de 1903.

L'Agriculture Pratiques des Pays Chauds 1908 (2º semest.)

EDUARDO LISBOA.

Diagnostic demonstrativo de uma enfermidade dos gallinaceos

Ha cerca de alguns meses, enquanto percorria a zona de Cantagallo, S. Francisco de Paula, S. Sebastião do Alto e outras, mais de uma vez ouvi referencias a certa molestia dos gallinaceos, inclusive os palmipedes, que em poucas horas morriam apresentando os symptomas seguintes :

Immobilidade, abaixamento das asas, cambaleamento e vertigens nos ultimos momentos da vida.

O Sr. Commendador Lopes Martins, proprietario da grande fazenda « Dos Cafés », no municipio de Cantagallo, despertou-me a attenção especialmente sobre esta molestia.

Posto que tivesse de attender á prophylaxia dos animaes de maior vulto, não esqueci os penmudos, fonte não desprezível de lucro e commercio.

Um escripto de um illustre francez, collega meu, actualmente exercendo sua profissão em Paris, pôz-me no caminho seguro para a descoberta da « causa mortis » dos gallinaceos em relação com os phenomenos descriptos.

E' sobejamente conhecido que a maior parte dos criadores attribuem ao chlorureto de sodio (sal de cozinha) propriedades especiaes e medicamentosas a ponto de acreditar indispensavel o seu emprego em qualquer molestia, mesmo nas de natureza infectiva.

Pois bem, a « causa mortis » dos gallinaceos, quando se observam os phenomenos referidos é devida á ingestão do chlorureto de sodio, mesmo em pequenas doses.

Em quasi todas as fazendas onde grassou a aphta epizootica, ainda que de forma benigna, abusam no emprego do chlorureto de sodio.

As mulheres, ás quaes geralmente compete a guarda e criação das gallinhas, temperam com abundante sal as papas de milho, farelo e demais alimentos que dão a seus gallinaceos.

Emquanto a dose for minuscula os effeitos não são fataes. Quando muito, observariamos os pintos de asas relaxadas, de *piu-piu* doloroso, afflictos e estupidos; ao passo que as gallinhas com este regimen alimentar ficam estereis, com a crista amarellada, caminhando de passo incerto, levantando e abaixando as patas cautelosamente, de maneira muito notavel.

Para demonstrar a acção toxica do chlorureto de sodio nos gallinaceos, é bastante dizer que injectando-lhes no papo cheio de alimentos sal de cozinha em solução aquosa, bastam somente quatro grammas para cada kilo de animal adulto para determinarem a morte em poucas horas.

Considerando que nessa experiencia a maior parte da mencionada solução se incorpora ao alimento contido no papo, sem hesitar posso concluir que o sal de cozinha para os gallinaceos é toxico em dose muito exigua.

Dos dados clinicos e experimentaes posso deduzir que nesta forma de envenenamento o chlorureto de sodio age essencialmente sobre os

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100\$ e joia de 50\$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura

musculos, diminuindo-lhes bastante o poder contractil; dahi a extrema fraqueza e consequente asphyxia pela debilitação dos musculos que presidem á respiração. Além disso o sal actúa como veneno sobre o systema nervoso produzindo o cambalear e a crise de vertigens nos individuos que de qualquer modo o ingeriram.

DR. ACHILLES RIGODANZO.

Galeria

DR. JOÃO PINHEIRO

E' sempre com a mais intensa saudade e o maximo respeito á sua immaculada memoria, que a *Lavoura* insculpe nas suas paginas o nome do que em vida se chamou Dr. João Pinheiro da Silva.

Em o numero X, da collecção do mesmo Boletim, correspondente ao mez de outubro de 1908, rendemos, por occasião do seu infausto passamento, as nossas mais sinceras e doridas homenagens a que tinha direito o eminente e virtuoso estadista.

Hoje, ao inscrever o seu abençoado nome, na galeria dos benemeritos da agricultura nacional, procuraremos dizer quão prestadio foi elle a esse ramo das cogitações humanas, por uma serie de actos governamentaes que muito o recommendam á admiração de todos os brasileiros, zelosos do engrandecimento e da pujança de sua patria.

João Pinheiro da Silva nasceu a 16 de dezembro de 1860, na cidade do Serro, norte do Estado de Minas.

Ainda em verdes annos, levaram-o para Ouro Preto, onde começou o estudo das primeiras lettras, que terminou em Caeté para onde o reconduziram.

Auxiliado por José Pinheiro da Silva, seu irmão, sacerdote intelligente e eximio latinista, que fazia parte do corpo docente do Seminario de Marianna, foi João Pinheiro matriculado no mesmo estabelecimento de ensino, onde aprofundou-se nos estudos de humanidades, distinguindo-se sempre pela vivacidade do talento, grande capacidade de assimilação e pertinacia de esforços.

Não só o padre João Baptista Corneglioto, se não tambem o padre José Pinheiro alimentavam vivas esperanças de que o distincto e applicado estudante se ordenasse.



Dr. João Pinheiro

Mas elle, ainda que mesmo contrariando a vontade do seu mestre e do seu irmão, recusou-se de prompto a seguir a carreira ecclesiastica.

E, firme neste proposito, deixou Marianna e dirigiu-se para Ouro Preto com o intuito de fazer os preparatorios perante a instrucção official e matricular-se na Escola de Minas, o que de facto conseguiu.

Depois de haver frequentado os tres primeiros annos da referida Escola, abandonou o curso de engenharia, resolvendo-se a seguir o de sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de S. Paulo, para onde se passou em 1882.

Solidamente preparado, conhecendo mathematica, linguas, historia, philosophia, sciencias naturaes etc., e num meio onde a agitação espirital era intensissima, João Pinheiro impoz-se logo á admiração dos seus collegas e até á dos proprios mestres.

Luctando, como sempre, com serias difficuldades, mesmo assim repellia as posições officiaes que lhe eram offerecidas como intransigente republicano que era e sempre foi.

A custo conseguiu o lugar de revisor de um jornal e continuou com as lições particulares a que se dedicára desde a sua chegada áquella capital.

De uma feita, quando cursava o segundo anno da Faculdade, appareceu, numa das folhas paulistanas, um magnifico artigo sobre um thema de philosophia religiosa que immenso impressionou ao venerando lente da academia Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, versadissimo em questões theologicas.

Não só a esse professor senão a todo o meio culto de S. Paulo causara excellente impressão o alludido artigo que não trazia assignatura.

A esse mais dous outros se seguiram, afinados no mesmo tom e causando sempre a mesma sensação.

Procurou o venerando Benevides saber quem era o auctor de tão admiraveis paginas, e, depois de muito perquirir, descobriu então ser o operoso academico que vimos biographando.

Sciente tambem das mais prementes difficuldades que assediavam João Pinheiro, esforçou-se o professor Benevides por collocar-o como preparador da cadeira de physica e chimica da Escola Normal o que alcançou.

E assim luctando, trabalhando sempre, recebeu João Pinheiro, em novembro de 1887 a laurea de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, e, regressando depois a Ouro Preto, abriu escriptorio de advogado afim de exercer a sua profissão.

Levando por diante a propaganda dos seus ideaes politicos genuinamente republicanos, procurou congregar os companheiros de cruzada, promovendo e levando a effeito em Villa Rica a fundação do Club Republicano. Fundado este a 10 de junho de 1888, de cuja directoria fez parte, promoveu, auxiliado pelas legiões de todos os pontos da Provincia, um grande Congresso Republicano na cidade de Ouro Preto, Congresso este que de facto se realizou a 15 de novembro de mesmo anno e com notavel concurrencia.

Eleita a Commissão Central do Partido Republicano Mineiro, de que, entre outros, fazia parte João Pinheiro, logo em seguida, outros muitos clubs se fundaram em differentes localidades da Provincia, todos subordinados á referida Commissão Central.

A 23 de janeiro de 1889, surgia na velha capital da Provincia, o *Movimento*, dizem que a folha mais radicalmente republicana que apparecera em Minas durante o tempo da propaganda.

E' excusado dizer que a chefia da redacção foi entregue á competencia de João Pinheiro e o seu bellissimo artigo de apresentação é, de certo modo, um subsidio para a historia politica de Minas.

O advento da Republica encontrou-o em plena propaganda e ainda á frente do jornal que fundára e brilhantemente redigia.

Em 1890, nomeado ministro do Interior o Dr. Cesario Alvim, passou este o governo de Minas ao Dr. João Pinheiro, no caracter de 1º vice-governador, sendo logo depois nomeado effectivamente para o cargo, tendo nessa occasião menos de 30 annos de idade.

Medidas de grande alcance para logo foram tomadas ; e, uma das mais importantes é a que se contém no decreto n. 33, de 29 de março de 1890 e pertinente a comissões de estatistica do Estado.

As instrucções decorrentes do alludido decreto exaram a divisão em tres classes dos trabalhos estatisticos, sendo que a 3ª substancia os dados referentes á agricultura, á industria e ao commercio.

A lei n. 48, de 28 de abril ainda do mesmo anno, que creou na capital do Estado uma exposição permanente de productos naturaes, agricolas e industriaes de Minas, foi precedida dos considerandos que se vão ler, na altura de quem os inspirou ou mesmo redigiu.

Reproduzimos aqui, como um padrão de gloria do illustre morto :

« Considerando que os recursos naturaes de um paiz só constituem verdadeira fonte de riqueza publica e particular, quando ás

forças da natureza se ajuntam os esforços e o trabalho do homem, de maneira a tornar aquelles aproveitaveis e conhecidos ;

Considerando que, si é verdade que a prosperidade material de um Estado não pode provir exclusivamente da acção governamental, a esta, em todo caso, cabe promover e animar sollicitamente a iniciativa particular no sentido de se conseguir semelhante objectivo ;

Considerando que o Estado de Minas Geraes, mais do que qualquer outro da União, é admiravelmente dotado de incalculaveis e variados elementos de opulencia, mas que não têm sido convenientemente explorados ou aproveitados ;

Considerando que as exposições industriaes, conforme as licções da experiencia e o exemplo de outros povos, constituem um grande meio de adiantamento na vida economica, por facilitar aos productores a offerta, aos consumidores a procura, sendo para o commercio uma base de largo desenvolvimento ;

Considerando, finalmente, que nessas luctas nobilissimas do trabalho, premios pecuniarios serão vantajosos, já como incentivo, já como justa e merecida remuneração aos mais activos e intelligentes industriaes, pelos seus esforços, que, sendo a sua gloria tambem são a do paiz em que habitam, etc....»

As instrucções necessarias para a execução do alludido decreto, precisando os valores dos premios para o vinho, o chá da India, o trigo, o cacáo, forragens, quina do Perú, batata ingleza, plantas tinturiaes, plantas textis e apicultura, não as publicamos por absoluta falta de espaço.

Por decreto n. 91, de 4 de junho, foi annexado á Escola de Minas um laboratorio de analyses de terra, etc., de que tratavam as instrucções relativas ao estudo do solo mineiro e pelo de n. 106, de 11 de junho, concedendo premios aos viticultores do Estado.

Deixando o governo do Estado e já então como agente executivo de Caeté, ratificou a lei que concede premios aos criadores e lavradores do mesmo municipio, iniciando as feiras e as exposições periodicas de productos agricolas e pastoris.

Em 1903 convocou o Congresso Agricola, Commercial e Industrial de que foi presidente.

A acção dirigente de João Pinheiro no seio do Congresso foi, como em tudo, digna de nota.

Voltando de novo a dirigir os destinos do glorioso Estado de Minas, a sua acção se assignala por uma serie de actos de um avantajado alcance, qual mais patriotico e mais proveitoso.

Na sua mensagem de 1907 ao Congresso Mineiro, referindo-se á reorganização economica do Estado por meio do trabalho agricola, dizia elle: «avulta depois, como necessidade tambem urgente, após a do ensino das creanças, a do ensino primario da agricultura aos adultos, habituando-os ao manejo simples das aperfeiçoadas machinas agricolas.

Este ensino, contendo duas partes essenciaes, uma theorica e a outra propriamente industrial, foi dividido de modo que uma repartição especial e technica se incumba da primeira e a divulgação do trabalho mechanico e dos processos uteis aconselhados pela theoria, seja feita instinctivamente pelos mestres praticos de cultura, espalhados pelo Estado, operando industrialmente, para que os agricultores possam avaliar das vantagens integraes e da superioridade dos processos novos, comparados com os da velha rotina.

Esta medida vai dar immediatos resultados e nella está a base da nossa regeneração economica, assim para o productor como para o Estado, que da agricultura tira a sua principal fonte de receita.

O trabalho agricola, pela vastidão de seus recursos, pela sua extensa applicação, pela seu habito generalizado em toda a massa do povo, pela facilidade de sua aprendizagem, constitue a fôrma simples e poderosa do trabalho nacional e por ella deve começar a reorganização economica do Estado. »

Pondo em pratica todas as suas extraordinarias idéas, adquiriu a fazenda da Gamelleira, transformando-a numa bem organizada escola pratica, onde o ensino primario agricola é ministrado methodicamente e de accordo com os preceitos scientificos mais apurados; iniciou os trabalhos de sondagem arteziana para a irrigação; por intermedio da Directoria Geral de Agricultura e pelo custo na Europa, Rio e S. Paulo, forneceu aos lavradores do Estado fertilizantes chimicos e diversos instrumentos agricolas e manteve um *stock* de machinas agricolas modernas; cuidou, com vivo interesse, da industria sericicola, tratando de garantir a collocação dos casulos fóra da zona productiva por um preço minimo; da industria textil, da cultura dos cereaes, declarando-se, neste particular, francamente proteccionista; da industria de lacticinios, do commercio de gado, etc., etc.

A grande Exposição Pecuaria, levada a effeito em Bello Horisonte, em 1908, foi obra sua, e a imponencia de que se revestiu está no dominio dos que tiveram a felicidade de vel-a.

Quando se deu o seu fallecimento, o Estado de Minas estava dotado com as seguintes fazendas-modelo: *Gamelleira*, no municipio da Ca-

pital; *Fabrica*, no do Serro; *Retiro do Recreio*, no de Santa Barbara; *Diniz*, no de Itapeccerica; *Bairro Alto*, no de Campanha, além dos campos de demonstração denominados: *Ayuruoca*, *Nova Baden*, *Francisco Salles e Itambacury*, annexos ás respectivas colonias.

Finalmente, o regulamento sobre *Cooperativas Agricolas em Minas* é um outro titulo de glorias para o illustre biographado e os resultados economicos delle derivados têm sido dos mais salutaes e beneficos.

Outros muitos serviços de inestimavel valor poderiamos pôr aqui em relevo, mas desistimos de o fazer por estarem todos elles no conhecimento dos brasileiros, que ainda o choram e o hão de chorar por longo tempo.

Conferencia

PRONUNCIADA PELO DR. G. DE STEFANO PATERNÓ, NO SALÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO, EM 4 DE ABRIL DE 1910

Começa o orador descrevendo a sua impressão pessoal sobre a cidade do Rio de Janeiro, os principaes palacios, os passeios, as bellezas naturaes dos seus montes e da bahia, sobre as avenidas, sobre o clima melhorado, em consequencia dos melhoramentos da cidade, affirmando que os moradores desta esplendida capital devem ser necessariamente artistas e teem todos a obrigação de votar eterna gratidão aos benemeritos que souberam transformar e sanear esta cidade, tornando-a uma das mais bellas do mundo, certamente a mais linda da America do Sul.

Diffunde-se o Dr. Paternó na descripção do movimento nos Estados mais adiantados da Republica, do norte ao sul, dos commercios e das industrias principaes existentes nos centros de maior relevo, e a respeito do Estado de S. Paulo e da passada crise do café, diz ter acontecido o mesmo facto na Italia com a crise dos vinhos; porém, como as duas crises tinham por causa principal a superabundancia dos productos singulares, tiveram a justa, satisfactoria solução, pois quando as crises são produzidas por excessos de forças as consequencias não podem ser fataes como quando são produzidas por falta de impulso ou de boa vontade.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108

Affirma o orador a necessidade que tem o Brasil de muitas estradas de ferro para colligar entre si os principaes Estados da grande Republica e encaminhá-los para o progresso, governados por uma politica de paz internacional, que faz com que o Brasil seja o melhor amigo de todos os Estados sul-americanos.

Não pode deixar de observar que o Brasil está bem encaminhado, especialmente devido aos poderes publicos, os quaes não poupam esforços, não param diante de nenhuma difficuldade, no conseguimento dos fins de tornar o Brasil uma das nações mais adeantadas em todos os ramos da actividade humana.

Acha mesmo que os publicos poderes teem uma actividade febril, a qual não é proporcionada á actividade individual que o orador julga fraca e teimosa; observa que os capitaes, em vez de serem utilizados nas industrias ou nas grandes empresas, ficam parados nos bancos, com uma desconfiança espantosa.

Todas as cidades mais fortes do mundo, o foram pela forte acção dos Estados e pela iniciativa particular; as sociedades civis que mais operam com as proprias forças, sem nada esperar dos poderes publicos, obtiveram o primeiro lugar entre os povos civilizados e disto temos provas na America do Norte, na Allemanha, na Inglaterra e na Belgica.

E' indiscutivel que a união das forças vence as forças isoladas, que a collectividade opprime o individualismo e que o programma da vontade com os capitaes reunidos obterá sempre maiores resultados que a mesma vontade e os capitaes individuaes. A vida social dos anglo-saxões tem a maior manifestação nos *trusts* e syndicatos, a raça latina nas firmas pessoasas, e neste facto é que justamente se explica a nossa inferioridade nas lutas internacionaes.

Nesta capital os poderes publicos, depois de terem feito a cidade, deveriam ainda pensar nas casas operarias? Esta iniciativa não deveria pertencer a empresas particulares?

Entre todas as instituições que o Dr. Paternó conheceu nesta capital a que mórmente mereceu a sua attenção foi a Sociedade Nacional de Agricultura, a qual sob a presidencia do illustre cidadão Dr. Wencesláo Bello, rodeado por um valoroso grupo de intelligentes, se está esforçando, por todos os meios, para obter novos mercados de consumo directo para os productos nacionaes, afim de introduzir machinas, sementes e tudo o que pode ser de utilidade para os agricultores.

Desejo, diz o orador, pelo bem que merece o Brasil, terra generosa, que considera como filhos seus a mais de um milhão de italianos, que a iniciativa particular comece a affirmar-se na vida social deste povo

para que a capital se torne a digna vanguarda das cidades da confederação.

Observa o Dr. De Stefano Paternó que um dos maiores males desta cidade é o preço exaggeradamente caro dos aluguéis e dos generos alimentícios ; a vida diaria do Rio custa muito e a mór parte das familias trabalha para pagar as mensalidades do aluguel, pouco lhes sobrando para as despesas da alimentação.

Os preços dos generos alimentícios são effectivamente muito caros, mesmo tendo em consideração as despesas de alfandega, outros direitos e os impostos ; mas não é somente o preço que pesa sempre mais nos compradores dos generos de primeira necessidade e particularmente os importados.

Os falsificadores enriquecem, vendendo por legitimos os generos falsificados na capital ; a que serve a exigencia do sello de consumo ? Para dar um cunho de maior legitimidade aos productos falsificados, pois tambem os sellos são fabricados clandestinamente. Onde estão os legitimos e tão procurados vinhos do Porto ? Onde os vermouths, os cognacs, os fernetts, os licores finos ? E os azeites puros de oliveira ?

Quaes os remedios para estes inconvenientes ?

Contra o exaggerado preço dos generos de consumo surgiram, na Europa, as cooperativas de consumo, as quaes, comprando os generos directamente ao productor, se acham em condição de vendel-os a menor preço, pois os ditos productos, não passando pelos mãos dos intermediarios, são vendidos taes como saem da casa do productor.

Todas as cooperativas de consumo tiveram no começo muitas difficuldades e inimigos acerrimos, pois as casas que costumavam vender generos falsificados ou avariados e as que costumavam vender muito caro usaram de todos os meios para combatel-as ; porém as que puderam resistir ás primeiras difficuldades ganharam o primeiro lugar no commercio por atacado e a varejo.

Nas cooperativas de consumo, além da real economia nos preços, o consumidor tem tambem a garantia absoluta da legitimidade dos generos comprados, o que constitue um elemento indispensavel para a hygiene da familia.

A Cooperativa de Consumo serve ao pobre e ao rico ; este quer a legitimidade dos productos e a absoluta bondade dos mesmos ; aquelle deseja a economia juntamente com a legitimidade, garantia unica para a hygiene domestica. Esta instituição, completamente popular, merece o franco apoio dos poderes publicos, pois é a fôrma mais pratica do espirito de associação.

A humanidade, no seu caminho de civismo, aperta-se sempre mais ao cooperativismo, forma social que reúne as classes sociaes, emancipa o trabalhador e moderá a avidez do capital individual.

Affirma o orador que, no seio da Sociedade Nacional de Agricultura do Brasil, achou bem desenvolvido e comprehendido o principio do cooperativismo, pois já encontrou naquella benemerita associação uma Cooperativa Central dos productos agrarios. A Sociedade Nacional de Agricultura, cujo presidente é o illustre Dr. Wencesláo Bello, acceitou, com grande enthusiasmo, tomar sob seus auspícios a Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira, ideada pelo orador, pois esta instituição, além de procurar o augmento no commercio reciproco dos productos brasileiros e italianos, servirá como base para a intimidade nas relações entre as classes mais importantes da Italia e do Brasil, constituídas pelos agricultores, que são os factores da riqueza nacional.

A Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira tem por fim essencial suavizar a existencia de seus socios, barateando-lhes, tanto quanto possivel, todos os generos de primeira necessidade; com esse fim:

a) Abrirá na Capital Federal um deposito central com filiaes nos logares que forem julgados convenientes e succursaes nos Estados da Republica, para a venda — por atacado e a varejo — de todos os generos de consumo existentes nos seus depositos.

b) Cuidará para que os generos importados da Italia ou de outras procedencias, e recebidos das colonias, nacionaes conservem sempre o typo que mais satisfaça as exigencias do mercado.

c) Promoverá nos nucleos colonias do Brasil consocios agrarios, com os quaes manterá de preferencia relações commerciaes, cooperando dest'arte para o progresso economico dos mesmos nucleos.

d) Importará directamente dos centros productores da Italia e de outras nacionalidades, de forma que a vantagem realizada nos preços de compra redunde em beneficio dos socios da Cooperativa.

e) Hostilizará, por todos os meios ao seu alcance, a entrada no mercado dos generos adulterados, falsificados ou avariados, servindo-se para essas averiguações das analyses chimicas, feitas com antecedencia nos centros de producção, e confirmadas pelo Laboratorio Nacional de Analyses.

f) Exigirá dos exportadores que o acondicionamento das mercadorias satisfaça a hygiene e a esthetica, com o mínimo de despesa.

g) Envidará todos os esforços para obter das companhias de navegação e das estradas de ferro a maior facilidade para o transporte das proprias mercadorias.

h) Comunicará mensalmente aos socios, por meio de boletins, a tarifa dos preços de todos os generos postos á venda nos armazens da Cooperativa, preços que vigorarão durante todo o mez seguinte.

i) Occupar-se-á tambem da exportação de productos brasileiros, taes como o café, cacáo, as fructas indigenas, etc., pondo-se em relação com as Cooperativas de consumo daquelle e de outros paizes e bem assim com as principaes fabricas industriaes e casas commerciaes, que se dedicam a esse ramo de negocio.

Sob todos os pontos, a Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira merece o apoio dos cidadãos de todas as classes sociaes, pois, tendo estas instituições uma historia gloriosa em todas as cidades europeas, torna-se ella no Rio de Janeiro indispensavel, pois é nesta capital que a vida é talvez a mais cara.

Já os inimigos da instituição começaram a lucta, usando dos meios os mais baixos, com jornaes de nenhum credito, pagos sómente para dizer mal de tudo e de todos, accusando o orador de trampolineiro, de foragido, etc.. e dizendo que a Cooperativa é um conto do vigario; digam, porém, o que quizerem os pobres adversarios, mais forte será a lucta e maior a convicção nossa de que no Rio de Janeiro são indispensaveis as cooperativas de consumo e ellas aqui obterão o maior successo.

Toda a classe elevada do paiz, a classe que se occupa da prosperidade do povo e do progresso da patria, está acolhendo a nova cooperativa com carinho e sympathia; fez proprio o programma annuciado e com nobre entusiasmo iniciou os trabalhos para inaugurar nesta capital uma fórmula mais adeantada de cooperativismo, que é o cooperativismo internacional.

A Sociedade Nacional de Agricultura, numa das suas ultimas reuniões, deliberou tomar sob seus auspicios a Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira, declarando, porém, que será solidaria com as cooperativas de consumo de qualquer outra nacionalidade, abrindo dest'arte o campo a todas as colonias para estabelecer cooperativas e dando assim o desenvolvimento e a interpretação devida ao cooperativismo internacional, que tão bons resultados está dando na Europa e na Norte America.

Conclue o orador confiando no apoio dos seus patricios italianos, pois considera a solidariedade brasileira nesta cooperativa como um

acontecimento merecedor de grande regosijo na Italia ; dirige-se, emfim, ás senhoras, que constitue o que de mais sublime tem a humanidade : a Instituição da Familia, pedindo o bom acolhimento e a protecção para a Italo-Brasileira, a qual, inspirando-se na hygiene e na economia, torna-se de grande utilidade para as familias, sendo, portanto, um elemento indispensavel para a saude e a riqueza dos povos.

IV

A bananeira

CONFERENCIA LIDA PELO DR. RAFAEL URIBE UBIBE, PERANTE A SOCIEDADE DE AGRICULTORES DA COLUMBIA, A 17 DE MARÇO DE 1908

O segundo grupo, da bananeira industrial, está representada pela *bananeira de embira* (*musa textilis*) que é o *abacá* dos tagalos e hespanhoes.

Tem por patria as Philippinas e as Molucas ; seus fructos não se podem comer, mas com os botões ou brotos se faz agradável *fricassé*.

Cultiva-se principalmente por causa da fibra forte que dá o tronco, constituindo um artigo de exportação com o nome de *canhamo de Manilha* (*manila Kemp*, dos ingleses) que se não deve confundir com os *cabos de Manilha*, producto da fibra de uma palmeira.

A *musa mindanensis* e a *musa trogloditarum* são variedades da *textilis* destinadas aos mesmos usos.

A segunda dá frutos que podem ser comidos ; crús, produzem ardor na boca e forte effeito diuretico, tingindo de roxo a urina.

A *abacá*, que existe em estado silvestre nas Philippinas, se distingue das outras variedades do genero *musa* pela côr bastante verde de seu tronco, que attinge seis ou sete metros de altura ; por suas folhas longas, estreitas e duras e por seu fructo pequeno, rachitico e cheio de sementes que germinam facilmente, dando plantas que crescem precocemente e vigorosas, alcançando o seu completo desenvolvimento aos seis mezes.

Cortadas no tempo da floração, o tronco é talhado em laminas de uma pollegada de espessura, que são batidas a mão sobre um banco para separar as fibras ; expõem-se estas ao sol por alguns dias, lavam-se, tornam ao sol novamente, e, uma vez seccas, se as classificam por comprimento e finura.

Cada tronco produz uma libra, e como se podem plantar 3.000 pés por hectare, o rendimento é de 500 a 600 francos por semestre nesta area.

Uma plantação dura de oito a dez annos.

Os philippinos fabricam com esta fibra tecidos desde os mais ordinarios e fortes até ás mais finas gazes e cambraias.

Fazem tambem com ella a cordoalha e o velame dos milhares de navios mercantes que navegam pelas costas da Asia e os archipelagos da Oceania, ou dos que se occupam com a pesca de perolas ou de esponjas nesses mares.

Calcule-se a cifra de producção desta industria e como conviria ser ella introduzida entre nós.



O terceiro grupo, o ornamental, comprehende a bananeira *enset* (*musa ensete*), originaria da Abyssinia e já conhecida aqui por este nome.

De todas as variedades é a mais elegante.

De um tronco de 50 a 80 centimetros de diametro e dois e meio a tres metros de altura saem umas folhas immensas por sua largura e comprimento, de aspecto admiravel.

No genero *musa* é a unica variedade que se cultiva por meio de suas raizes tuberosas, de um gosto agradavel, semelhante ao da batata, servindo como importante alimento na Nubia e na Abyssinia.

Estou certo de que esta planta merecerá carinhoso cultivo entre nós, desde que se attenda a que ella não é só ornamental senão util.

A *bananeira de Amboinã* (*musa Balbisiana*) só se cultiva para uso medicinal.

A *bananeira de macaco* (*musa simiarum*) é asiatica e de fruto desestimado, muito procurado pelos saguis e monos.

Não se deve confundil-a com a *bananeira imbé*, tambem buscada pelos mesmos animaes, e que é uma planta brasileira da familia das *araceas*.

De longe parece uma palma de coqueiro; tem folhas coriáceas, lustrosas por cima e opacas por baixo; dá uma espiga cylindrica de tres decimetros de comprimento com duas libras de peso, coberta de bagas coloridas de amarello avermelhado, semelhantes ás grandes amoras e, como estas, carnosas, mucilaginosas e de gosto acidulado.

A *bananeira de semilla* (*musa rosea*) é uma planta baixa, delgada e elegante, de fruto pequeno, cheio de sementes negras, envoltas em uma polpa amarella bastante doce.

Esta variedade, a *ensete* e a *textilis* são as unicas que se podem propagar por brotos e sementes.

A *bananeira urania* ou de Madagascar (*ravenala madagascariensis* ou *urania speciosa*), indigena daquella ilha, é uma planta arborea que poderia servir como exemplo de transição entre as musaceas e as palmeiras.

Possue 30 ou mais folhas, de peciolo mais longos que os da bananeira commum, e dispostas em forma de um leque giganteo.

O fructo é uma capsula cujo conteúdo se compõe de numerosas sementes negras do tamanho do feijão, dispostas em fileiras e cercadas de um envoltorio azul.

Este util vegetal até agora só tem sido cultivado para ornato dos jardins e parques, vivendo facilmente em qualquer terreno.

Carece de quatro ou cinco annos para florescer, porém, podendo-se as folhas inferiores do leque, apressa-se o seu crescimento.

Mais de 50 % do pericarpo ou polpa é uma materia graxa, não incluindo a resina e cera que entram em sua composição e que são combustiveis.

O oleo que se extrae da referida polpa é solido como a manteiga de cacáo, de côr muito alva, sem sabor nem cheiro. E' muito recommendado para usos medicinaes e fabris, em virtude de se não rançar.

Em Madagascar toda a planta é utilizada ; os botões prestam-se como legume, as folhas para alimentação dos animaes e as sementes para preparação de uma farinha semelhante ao angú, a qual, cozida com agua e leite, serve de pão aos indigenas.

Enfiadas as sementes em uma haste servem de vela, como o nosso povo soe fazer com as da figueirinha.

Finalmente, a grande quantidade de agua existente na parte concava dos peciolo e que se encontra separando a folha do tronco é uma magnifica bebida para mitigar a sêde, razão por que os franceses chamam esta formosa bananeira — *arvore dos viajantes*.

Oxalá os nossos agricultores emprehendessem o cultivo em larga escala desta variedade, ainda que fosse só pelo fructo — um verdadeiro armazem de graxa.

A *bananeira mystica* (*musa religiosa*) é uma nova variedade, descoberta ultimamente no Congo por Mr. Dybosorki, Director do

Jardim Colonial de Nogent, e descripta por Wideman, Director do Jardim Botanico de Bruxellas.

E' planta ornamental como as precedentes e foi batizada com o nome que possui, por causa das superstições de que a cercam os ethiopes.

* * *

Si se levar a termo o pensamento de fundar, em terreno proprio e adequado, estações agronomicas na Costa Atlantica, não seria a simples titulo de curiosidade senão de conveniencia evidente, e assim deveriam adquirir exemplares de todas ou de algumas das principaes variedades do genero *musa* para serem cultivadas, e propagadas depois por todo o paiz as mais uteis.

Seria conveniente ter cuidado com as hybridações que se produzem expontanea ou artificialmente, pois nem sempre, acontece darem variedades superiores.

Ao contrario, os cruzamentos vegetaes, como os animaes, sóem dar pessimos productos e fazem degenerar em vez de seleccionar as boas qualidades.

Durante a minha vida, creio, tenho notado decadencia em algumas especies de bananeira.

Já é raro se encontrar uma boa bananeira maçã, por exemplo: para isso pode haver contribuido o esgotamento da terra, quiçá tambem a hybridação casual ou mal dirigida.

* * *

Usos — Ficam indicados na enumeração precedente alguns dos usos a que se presta a bananeira; passo agora a mencionar outros, dividindo-os em tres classes: *usos alimenticios, usos fabris, usos medicinaes*.

Já Bernardin de Saint-Pierre, autor de «Paulo e Virginia», dissera com um pouco de exaggero, talvez: «Le bananier à lui seul donne à l'homme de quoi le nourrir, le loger, le meubler, l'habiller et l'ensevelir (a bananeira por si só, dá o com que alimentar, alojar, mobiliar, vestir e amortallar o homem); e acabou por chama-la — *Rei dos vegetaes*.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100\$ e joia de 50\$ são subscriptos na séde da Sciedade Nacional de Agricultura.

Poucas plantas, effectivamente, a igualam em elegancia de porte, amplitude e belleza da folhagem, riqueza da floração, qualidades de fructo, e importantes empregos de suas outras partes; de tal maneira, que o genero humano della se aproveita desde a ponta das folhas até ás ultimas fibras das raizes.

Nenhum paladar repugnou ainda o fructo para os usos quotidianos, e por isso é sempre bemvinda á mesa do pobre como á do rico.

Como adeante se verá, pelas analyses chimicas, do fructo, entra elle no numero dos *alimentos completos*, como em cuja substancia se topam componentes azotados, não azotados e saes, como o leite e o queijo, os ovos, farinha de trigo, a carne gorda e outros.

Poucos são os fructos que encerram um conjuncto de elementos nutritivos tão favoraveis á economia animal como a banana.

Depois de transformar, no laboratorio da natureza, as substancias indigestas em agentes assimilares, offerece um alimento superior ao arroz; a *jucca*, (?) batata e o milho.

Foi sua grande riqueza alimenticia que permittiu a Stanley atravessar o continente africano com sua caravana, de 600 homens quasi sem outro alimento além da banana, durante mais de um anno.

Duvido de que haja no globo outra planta, disse o barão de Humboldt, que em igual espaço de terreno produza tão consideravel quantidade de substancia nutritiva.

Com effeito, plantando a *dominicana*, por exemplo, a 4 metros de distancia, cabem em um hectare 625 pés, que, do segundo anno em diante, pode dar quatro cachos cada um.

Esmando em 115 fructos por cacho e a substancia alimenticia em 120 grammas cada fructo, teremos segundo o Dr. Gancia, $625 \times 4 \times 115 \times 120 = 35,700$ kilogrammas de substancia alimenticia por hectare e por anno!

Que outra cultura dá este resultado, com tão diminuto trabalho e tão pouco gasto? ! ?...

No entender de Humboldt, a relação do producto da banana com o trigo e a batata é de 133 para 1 para o primeiro, e de 44 para um para o segundo, porque, na Europa, 1.000 metros quadrados só dão 640 kilos de batatas e 53 de trigo, de maneira que um hectare alcança alli apenas alimentar 4 homens, ao passo que a mesma superficie plantada de bananeira na America pode sustentar 100 (297,500 fructos que fornece um hectare durante um anno, divididos por 2.920 que no mesmo tempo consumiria cada individuo, á razão de 8 fructos diarios em 365.)

A posse da banana bastaria, pois para justificar o proverbio consolador: *Na America só morre de fome aquella que quer.*

Pode dizer outro tanto a civilizada Europa??!...

Parece-me imbuida de uma observação algo superficial a these que a exuberancia da banana, produzida quasi pelo unico esforço da natureza fomenta a indolencia dos habitantes das terras quentes que podem descansar ou dormir a sua sombra, tendo apenas o trabalho de cortar os cachos. E, combinando os frutos com os peixes que dão em abundancia os nossos rios ou com a carne dos porcos engordados com o mesmo fructo, tem um prato que em delicadeza de gosto e em valor nutritivo difficilmente poderão encontrar os potentados na Europa.

De accôrdo ainda com tal pensar, a propria liberalidade de nossa zona concorreria para entorpecer a actividade physica, mental e moral do homem.

Certamente o trabalho avigora o corpo, desenvolve a intelligencia e fomenta a virtude, e a civilização dos povos extra-tropicaes pode em parte, explicar-se pela obrigação a que se acham sujeitos de lutar sem treguas com o meio improprio que os cerca; e é certo tambem que as abundantes colheitas caracteristicas da feracidade da zona torrida, bastam por si sós para a satisfação sufficiente das mais immediatas necessidades e para dar bem estar a uma riqueza relativa, de modo que com estes meios facéis de subsistencia, não se sente o homem forçado a sahir da inacção.

Nesta asserção são esquecidos dous elementos importantes: a educação que, ao formar um conceito mais elevado do emprego da vida, crêa necessidades novas de toda ordem, incitando ao trabalho; o desenvolvimento do commercio pelas boas vias de comunicação, que despertam o interesse e conduzem ao mesmo resultado.

Eduque-se o povo e construam-se bons caminhos, para arrancal-o do isolamento em que vive, e verão como a banana e outros fructos tropicaes se hão de converter em elementos de progresso, e não de inercia.

O homem será sempre sensivel á ganancia; demonstra-o a pressão com que acode ao trabalho bem remunerado, como entre nós acontece nos bananaes de Santa Marta.

Se em outras partes, a cultura da bananeira é motivo para a preguiça antes que estimulo para a actividade, a explicação está nos baixos salarios e no pouco valor dos fructos.

Alcançasse ella noutros lugares o alto preço que obtem em Santa Marta por causa de facil mobilização por terra e mar, e não faltaria quem se dedicasse a este genero de agricultura.

Porém o que se pode assegurar é que quatro quintas partes da banana que produzem nossos valles, se perdem por falta de consumo.

A contraprova destas conclusões vemo-la nas mesas andinas, que podem ser consideradas como terras extra-tropicæes, em virtude do clima e das especies de cultura; e, sem embargo, sua população se apresenta aos olhos do observador como indolentes e mais retardatarios ao progresso do que os habitantes das terras cálidas.

Logo a verdadeira culpa está na falta de instrucção e de caminhos, jamais nos dons da natureza.

Do contrario, deveriamos renegar com a banana, o cacáo, o café, o tabaco, o assucar de canna, as ricas e abundantes fructas, a caça e a pesca, o gado, as madeiras e demais productos das faceis industrias tropicaes, tomando-as não como presentes da Providencia, mas como outros tantos agentes de atraso, quando o que nos importa é apprender a fazer bom uso delle.

Além disso, como muito bem disse o Dr. Garcia, « tudo na natureza tem sua compensação », onde os seres orgunizados têm que combater os elementos mortiferos do clima, ella deu mais vigor ás causas de reproducção e de vida.

Se o calor e a humidade desenvolvem agentes productores da febre e da anemia, a vegetação exuberante prodigaliza os frutos alimenticios em abundancia, e com seu manto de verdura enriquece o ar absorvendo o acido carbonico e exhalando o oxygenio ambiente, purifica a atmospherã e destroe os miasmas.

(Continúa.)



A LAVOURA NOS ESTADOS

As cooperativas em Minas

ALGARISMOS ELOQUENTES

O coronel José Domingos Machado, presidente da Cooperativa Pontenovense, do municipio de ponte Nova, em Minas apresentou aos respectivos associados, em dezembro ultimo, o seguinte relatorio :

« A exportação da cooperativa durante o anno constou de 20.165 saccas de café, 1.257 ditas de feijão, 71 ditas de milho e 219 aves.

O café teve o seguinte destino : 12.403 saccas para o Rio, 7.920 ditas para Anvers e 142 ditas para o Havre.

Dessas remessas já foram vendidas : 9.180 saccas no Rio, 9.120 ditas em Anvers, achando-se encostadas e em viagem 2.922 saccas no Rio, 5.800 ditas em Anvers e 142 ditas no Havre.

As 9.180 saccas vendidas no Rio produziram o total de 258:905\$939, importando as despesas em 65:509\$020, ficando o resultado liquido de 193:396\$919, que corresponde a 21\$067 por sacca ou seja 5\$266 por 15 kilos.

E' digno de nota que grande parte do café vendido no Rio era de typos 7, 8, 9 e escolha. E, si attendermos ás cotações dos meses de julho, agosto e setembro, que foram na média de 6\$ para o typo 7, no Rio, chegaremos á conclusão de que o resultado obtido foi vantajoso.

Demais, é hoje um facto incontestavel e incontestado que o café vendido por intermedio da cooperativa, offerece ao lavrador melhores vantagens do que o negociado por intermedio de casas commissarias, não só quanto ao preço e á qualificação do typo, como em relação ás despesas, que são menores.

Outro facto, igualmente digno de nota, é que o liquido das contas de venda desta cooperativa foi sempre superior aos preços pagos nesta cidade pelos exportadores, tomando-se por base a igualdade dos typos e data da venda.

As 2.120 saccas vendidas em Anvers (pelo agente desta cooperativa, Sr. Ch. Heyn-Hamann) deram o resultado liquido de 50:752\$800 correspondente á média de 5\$985 por 15 kilos na estação de Ponte Nova. Quasi todo este café foi entregue á cooperativa nos meses de julho e agosto, época em que os exportadores offereciam 4\$300 a 4\$500 para cafés de iguaes qualidades, havendo, por consequencia, uma differença a nosso favor de 1\$485 a 1\$685 nos 15 kilos. Si descontarmos dessa differença o custo do sacco, não incluído na conta de venda, teremos ainda o lucro de 1\$300 a 1\$500 por 15 kilos.

E' verdade que este resultado se deve, em grande parte, á alta nas cotações ; mas, mesmo assim, o café alcançou preços que absolutamente não obteria no Rio, si alli fosse vendido na mesma época em que foi negociado em Anvers.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108.

Por aqui se constata que ha toda conveniencia na exportação directa dos nossos cafés, principalmente daquelles chamados de qualidades finas.

Para que o resultado seja grandemente compensador, é necessario que se preste a maxima attenção ao seu bom beneficiamento, de fôrma a obter-se um producto attrahente, expurgado de todas as impurezas e de grãos ardidos e pretos, que tanto o desmerecem. No nosso engenho temos bons machinismos para o necessario beneficiamento; mas, por mais perfeitos que sejam osapparelhos, nunca poderão elles melhorar o café que já venha deteriorado do terreiro.

Para esse facto, que é muito importante, chamo a attenção dos Srs. associados, pedindo-lhes que, em seu proprio beneficio, prestem todo o cuidado ao seu café, na certeza de todos os sacrificios com elle despendidos, durante a colheita e secca no terreiro, serão altamente recompensados com a valorização do producto».

Não carece juntar grandes commentarios a esta exposição insuspeita, porque é de industriaes que registram o resultado que colhem, e que é a reproducção, nas vantagens obtidas por outras associações congeneres em Minas.

Ella põe em relevo o valor da organização defensiva da produção agricola creada pelo saudoso João Pinheiro, á qual negaram, em tempos, alcance pratico, aqui mesmo, os que não a comprehendiam ou não queriam comprehender.

Cultura do arroz

No dia 13 do corrente mez, o Dr. Padua Salles, operoso secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, visitou em Tremembé, municipio de Taubaté (Estrada de Ferro Central do Brasil), a cultura do arroz dos frades Trappistas.

Dessa visita trouxe S. Ex. excellente impressão.

A área cultivada sómente com arroz, abrange mais de cem alqueires.

A colheita já foi começada.

Os Trappistas ampliarão consideravelmente os arrozaes em 1911, para o que estão canalizando agua do rio Parahyba, afim de fazerem as irrigações. Esse trabalho custará 600:000\$000.

Todos os trabalhos culturaes são feitos pelos processos mechanicos os mais aperfeiçoados.

Os frades Trappistas, o coronel Alipio Dias, de S. José do Rio Pardo, do qual já nos referimos na *A Lavoura* de fevereiro, e o coronel Netto, de Itú, são os maiores productores de arroz do Estado de S. Paulo.

Em Minas, o maior agricultor desse cereal é o coronel Sant'Anna, de Carmo do Rio Claro.



A LAVOURA NO ESTRANGEIRO

O Brasil e a fabricação do papel

E' interessante conhecer a opinião estrangeira em assumptos que entendem com a industria nacional; dahi decorrem, não raro, indicações uteis e estimulos ao trabalho agricola e fabril. Por vezes são interesses de ordem economica geral, que inculcam e provocam soluções no acervo quasi inexplorado de nossas riquezas naturaes.

A revista franceza *La Nature*, do mêz de janeiro publicou uma nota com este titulo :

O Brasil, reserva de pasta para o fabrico de papel.

E' o caso de um interesse de ordem geral, que procura satisfação urgente, e que presume deparar-a nos thesouros da nossa flora indigena.

E' o momentoso problema da materia prima do papel. O consumo dêsse artigo augmenta em enorme progressão; a materia prima a que se tem recorrido já não basta e tende a escassear de mais em mais; a França, a Inglaterra e a Allemanha, depois de terem sacrificado uma grande parte de suas florestas, são obrigadas a importar em larga escala a cellulose e a massa necessaria á actividade de suas usinas; o mesmo quanto aos Estados Unidos, onde 1.700 usinas, fornecendo cada uma, na média, 200 toneladas de massa por dia, não conseguem fabricar todo o papel exigido pelo consumo interno.

As reservas das florestas da Russia e da Noruega já estão muito reduzidas, tanto mais quanto as arvores abatidas são os gigantes de mais de 50 annos, a industria refuga as de menor idade.

Nesta expectativa de ameaça a uma industria, que serve a interesses maximos, de satisfação exigente, e como esperança auspiciosa, o autor francês aponta para nós :

«E' de ver, o interesse que apresenta aos industriaes do futuro a flora brasileira, contendo tantas especies ricas em cellulose. O estudo scientifico das *plantas para papel* dêsse pais impõe-se, para que se possa adaptar, o mais breve possivel, á sua exploração, os processos e as machinas convenientes. Ao Brasil caberá, sem duvida, a honra de conjurar a crise, provavelmente proxima, do papel ; mas, para chegar-se a esse resultado é indispensavel um grande esforço de experiencia e de industria.»

Passa o autor a ponderar que a flora do Brasil é das mais ricas e variadas : comprehende arvores magnificas e plantas de dimensões mais modestas, em parte pouco conhecidas pelos botanicos, cobrindo montanhas e vastas planicies arenosas e alagadiças. No ponto de vista industrial estas são mais interessantes que aquellas.

Os poucos exemplares que têm sido examinados são ricos em cellulose utilizavel, abundantes, vivazes. As planuras que se dilatam ao norte do Rio de Janeiro representam um primeiro campo de acção, naturalmente indicado.

Encontram-se ahi os *lirios do vale*, *hydictium coronarium*, que crescem espontaneamente em enorme abundancia, recrescendo, por assim dizer, sob a fouce do segador. A fibra dessa planta contém cerca de 50 por 100 de cellulose pura, sendo para accrescentar que seu tuberculo encerra amido que se presta á exploração industrial do alcool.

Nos terrenos embrejados são numerosas as plantas susceptiveis de fornecerem um bom rendimento de cellulose, como sejam : a *tabua* e o *peri-peri* ; esta não contém senão 20 por 100, mas é de tal modo abundante que sua exploração metodica daria um bello resultado, bastando estudar os melhores processos de colheita e de utilização.

As planicies arenosas são favoraveis ao crescimento de um grande numero de ananazes selvagens, denominados gravatás, cujas folhas são formadas de fibras mui resistentes, attingindo, por vezes, a 2 metros de comprimento ; no Estado do Espirito Santo, nas cercanias da cidade da Victoria encontra-se um territorio de cêrca de 120 k^m, quasi inteiramente coberto de gravatás.

Nem são essas as unicas plantas capazes de fornecer materia prima para o fabrico do papel ; ha muitas outras gramineas, bananeiras ou bambús, que podem concorrer com ellas ; as guaximas, o sisal, a sansevieira e outras e outras mais ou menos conhecidas.

CULTURA DE PITEIRAS DO SR. JORGE MAHIEU



Vassouras (Rio). Uma plantação ultimamente feita.



Vassouras (Rio). Parte de uma plantação que já tem sido cortada para a extracção de fibras.

Convém lembrar que das fibras do algodoeiro se pode fabricar papel, possibilidade que já saiu do domínio das experiencias para o da industria. E não só papel, como alcool, nitrogenio e ingredientes para o algodão polvora e polvora sem fumaça.

Eis ahi o que diz para nós e de nós a opinião esclarecida do estrangeiro; cumpre acrescentar que esse assumpto de importancia momentosa, pois entende com um producto de enorme consumo no interior e no exterior do pais, está preoccupando, cada vez mais, a actividade e a pesquisa de alguns dos nossos homens de sciencia e de energica iniciativa economica e industrial.

Ha muito que se fabrica papel no Brasil, mas em quantidade relativamente diminuta e qualidade inferior. Modernamente, em S. Paulo, em Petropolis e outras cidades fabricas deapparelhos aperfeiçoados já estão aproveitando materia prima nacional com exito muito auspicioso.

De Santos já demanda os mercados europeus, com os carregamentos de bananas, porção notavel de caules das bananeiras, conceituados altamente nas usinas de papel.

Afóra alguns competentes que se esforçam no estudo de vegetaes indigenas, capazes de fornecerem a appetecida materia prima, a *Sociedade Nacional de Agricultura* tem feito porfiadas pesquisas no mesmo sentido, e ainda ha pouco enviou á Exposição de Bruxellas fibras e pastas mechanicas das seguintes especies: embirema, embira seda, embirussú, jequitibá vermelho, guaxima, carrapixo, tabúa, além de materia prima bruta de muitos outros vegetaes.

Não ha duvidar: um largo futuro desponta nessa industria de mercado mundial.

Citricultura

A fructicultura é um dos palpitantes assumptos da industria agricola nacional.

O consumo de frutas augmenta extraordinariamente, a procura sobrepujando a offerta, quanto aos productos das zonas tropicaes ou terras quentes. Recordaremos o que em paises estrangeiros se tem conseguido, moderadamente, no tocante á producção de laranjas.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos
Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108.

A California importava a laranja para o seu consumo ha pouco mais de 30 annos. Em 1870, lhe foram enviadas algumas mudas de *laranjeira de umbigo* da Bahia.

Começou o plantio na pequena villa de Riverside, precisamente com duas mudas, hoje legendarias reliquias subsistentes, uma das quaes o presidente Roosevelt transplantou solememente para junto do edificio das Missões Hespanholas.

Em 1906 a producção elevou-se a 908.166.800 libras no valor médio de dous centavos a libra, ou 18.163.376 dollars, ou mais de 58.000 contos de réis.

Em 1907 exportou a mesma California 12 milhões de caixas.

Naquelle anno nós exportavamos assucar no valor de 5.400:000\$; algodão no valor de 25.000:000\$, cacáo no valor de 18.000:000\$, ouro.

A nossa exportação dos productos citricos não excede, no referido anno, a 18:000\$ ouro.

Cumpré accrescentar que a citricultura na California é quasi uma industria agricola artificial, só compativel com as terras onde é possível a irrigação e a sub-irrigação, além das fertilisações repetidas pelo nitrogenio, acido phosphorico e potassa. Demais a cultura tem ainda de soccorrer-se de abrigos e amparos contra as rajadas frias e de fumigações contra as geadas.

O districto de Riverside se constituiu em cooperativa de producção de laranjas, com os seus 25.000 habitantes, entre os quaes se divide o lucro liquido da exploração, avaliado em 12.000:000\$, ou cerca 1:000\$000 por unidade.

A Italia exporta annualmente 20.000:000\$ de laranjas, e Valencia, na Hespanha cerca de 15.000:000\$000.

A Inglaterra e a Irlanda importam 2 $\frac{1}{2}$ milhões esterlinos, ou 40.000:000\$.

Basta para indicar o valor industrial da cultura e exportação da laranja a um paiz onde a preciosa arvore medra exuberantemente, quasi á revelia do trabalho humano.

Não esquecer que, para convidar a exportação das fructas nacionaes, o Centro de Navegação Transatlantica annunciou ter sido adoptada, pelas companhias *Mala Real Inglesa e Messageries Maritimes*, a seguinte tabella de fretes:

Abacaxis (por metro cubico)	20\$000
Bananas (idem).	8\$000
Laranjas (idem).	15\$000

Numero de fructas calculadas por metro cubico:

Abacaxis.	190 a 200
Bananas	50 cachos
Laranjas.	2.800 a 3.000

ou, cada abacaxi 100 réis; cada cacho de banana 160 réis; cada laranja 5 réis.

Melancias, cocos, abobora etc. equiparados aos abacaxis; abacates, fructas de conde, atas, sapotis, cambucás e outras semelhantes equiparadas ás laranjas.

Alargamento de mercados

E' grato á lavoura nacional verificar pela estatistica o progressivo alargamento dos mercados para os seus productos.

Para exemplificar:

O café brasileiro vae reduzindo de anno para anno o consumo de proveniencia antilhana (Porto Rico) nos mercados hespanhoes:

	Brasil k.	Porto Rico k.
1899	13.711	3.225.994
1900	170.481	452.189
1901	1.380.128	1.072.318
1902	1.571.588	1.842.436
1903	2.774.461	2.681.765
1904	3.580.916	2.593.282
1905	4.567.159	2.185.685
1906	5.837.768	3.681.123
1907	4.837.708	3.000.123
1908	5.345.629	2.634.227

Ha 40 annos a importação do cacáo na Allemanha era apenas de 1 milhão de kilos; ha 30 annos de 2 milhões; ha 10 annos de 15 milhões; actualmente excede de 35 milhões ds kiłos. Nos 4 annos anteriores a 1908 Portugal occupou o primeiro logar e a Republica

do Equador o segundo entre os fornecedores, mas em 1908 já o Brasil lhes tomou a precedencia:

	1905 k.	1908 k.
Brasil	4.130.000	7.303.800
Portugal	6.262.000	6.233.700
Equador	5.690.000	4.123.000

O assucar nos Estados Unidos

A produção do assucar de beterraba, nos Estados Unidos, de 1893 para cá, tem feito grandes progressos, como se vê do seguinte quadro:

	Toneladas
1893	12.818
1895	20.092
1897	37.536
1899	32.471
1901	76.859
1903	195.400
1904	209.722
1905	410.000

Produção do milho nos Estados Unidos

A area cultivada e a produção do milho nos Estados Unidos tem sido, ultimamente:

	Hect.	Hectol.
1902	37.617.445	883.276.800
1903	35.236.797	785.461.950
1904	36.892.632	863.618.350
1905	37.604.548	947.797.900
1906	38.694.800	1.024.595.632
1907	39.977.400	907.312.000
1908	40.354.220	1.148.456.000



EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Sua Ex. o Ministro d'Agricultura, o Presidente e os Directores desta Sociedade, apreciando as collecções de fructas e passaros conservados.

NOTICIARIO

Secção de Agricultura na Exposição de Bruxellas — Exposição preparatoria — Visita do Sr. ministro Rodolpho Miranda — Para as nossas columnas trasladamos as palavras com que o venerando organ da imprensa carioca, o *Jornal do Commercio*, descreveu as suas impressões relativamente á organização da secção de agricultura destinada á Exposição Internacional de Bruxellas, de que foi incumbida oficialmente esta Sociedade.

Attenta á circumspecção de que se revestem as opiniões do mesmo jornal, julgamos acertado transcrever a respectiva noticia que, além de valiosa, é completa :

« Tendo a Comissão da Exposição de Bruxellas encarregado a Sociedade Nacional de Agricultura da organização da secção de agricultura, no dia 15 do corrente fez a referida Sociedade uma exposição preparatoria e convidou o Sr. Rodolpho Miranda, como presidente, e mais membros para visitá-la.

O primeiro trabalho apresentado foram os mappas agricolas de todos os Estados, com a discriminação approximada de suas zonas de cultura.

Trabalho importante e o mais completo que se tem feito, irá prestar immenso serviço á Comissão de Expansão, em que o colono ou o industrial póde escolher de antemão o Estado preferido, a cultura a iniciar e a zona mais adequada.

Com uma leve consulta, o individuo fica conhecendo todas as zonas agricolas e as das plantas industriaes extractivas.

Passou-se, em seguida, ao salão geral, começando a visita pela secção das plantas productoras de cellulose, com a materia prima e a pasta já preparada.

E a porcentagem foi esplendida, mostrando que o Brasil possui uma fonte de riqueza na sua materia prima, para papel: imbirá seda 76 %, imbirá 58 %, sapucaia 50 %, jequitibá 70 %, carrapicho 50 %, guaxima 50 % e tabua 24 %.

Além destas materias primas, outras estavam patentes, muito ricas de cellulose.

Exceptuando algum trabalho de laboratorio, a Sociedade Nacional de Agricultura foi quem primeiro iniciou industrialmente a extracção de cellulose em grande escala da parte liberiana de varias arvores, arbustos e sub-arbustos.

Esta secção, pela sua importancia como mostruario de materia prima de primeira ordem, foi apreciada pelo Sr. Ministro e mais visitantes. Os Estados Unidos, com as suas florestas devastadas, a Europa com os seus depositos bem escassos, estão promptos a comprar qualquer quantidade de materia prima, e, em melhores condições, quando já em pasta.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108.

Ha tanta imbirã nos Estados costeiros, podendo-se garantir um supprimento de milhões de toneladas, sem ser preciso recorrer-se ao cerne da madeira.

A secção de fibras foi em seguida percorrida e examinada com attenção e todos os productos á mostra impressionaram bem.

Representando mais de dez especies vegetaes, de mais abundancia no paiz e de facil cultura, só foram escolhidas aquellas de rapida extracção mecanica, de preço baixo e das quaes podem ser fornecidas quaesquer quantidades ás fabricas, desde que haja um mercado certo e um preço firme.

Do que serviria mandar productos raros, de difficil extracção, de custo elevado, se não se poderia acudir á offerta da industria?

O Brasil não precisa só mostrar, e sim tambem fornecer a quantidade exigida pelas fabricas, firmando um typo especial para uma marca definitiva.

A fibricultura no Brasil ganha dia a dia mais terreno, e breve tornar-se-á uma realidade esta lucrativa industria.

A ramie, sisal, piteira, sansevieria, gravatá, guaxima, vassoura, gosmenta, vinagreira, canhamo brasileiro (*Liluseus radiatus*) e muitas outras plantas que virão constituir grandes fontes de rendas.

A secção de madeiras para moveis, construcção civil e naval, dormentes, obras hydraulicas, obras immersas, placagem, segeiro, esquadria, cabos de ferramenta, coronha de espingarda, caixotaria, palitos e caixinhas de phosphoros. Muitos caixotes, desde o minuscuro até ao proprio para velas e sabão, o que vem provar que o Brasil possui florestas inteiras de madeiras brancas, proprias para caixotaria, forro e outros misteres.

Forma uma secção á parte e muito interessante, digna de ser visitada, a industria de phosphoros com madeiras nacionaes.

E' grande a variedade de madeiras proprias para palitos e caixinhas de phosphoros.

Ha na Exposição troncos de Caixeta, Mululo, Bacurubú (bandarra), Anda-assú e Imbirissú.

Depois vêm os palitos, caixas cheias e vasias, laminas e gavetas.

Emfim, a materia prima bruta até o phosphoro alli estão representados.

E como termo de comparação, caixas de phosphoros de chouto, caixete e anda-assú, que o commissario e os visitantes verificaram ser iguaes, dando boa chamma e claros como aquelle.

O Sr. Ministro ficou bem impressionado com essa secção.

As plantas tanniferas, em grande numero, com seus respectivos extractos seccos, foram muito apreciadas.

Esta industria extractiva de muito proveito para a nossa economia virá constituir uma importante fonte de renda, quando forem aproveitados os depositos naturaes que cobrem todo o nosso littoral, de norte a sul.

Em lugar de exportar-se a materia bruta, póde isso ser feito em extracto secco, que tem a materia extractiva tannica em elevada porcentagem. Angico, Mujolo, Barbatimão, Buranhem, Araçá do mato, Capchingui, Jequitibá, Sapucaia, Mangue vermelho, Mata pão, etc., etc.

Tambem cabe á Sociedade Nacional de Agricultura a prioridade do aproveitamento de extractos seccos de plantas taniferas, em tão elevado numero, que é o inicio de] uma grande industria, que deixará enormes proventos ao paiz.

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Ceretes, café, tinturas e algodão.

Com esta profusão de materia prima, com uma porcentagem desde 15 até 48 % de materia extractiva tannica, os industriaes estrangeiros vão ficar bem impressionados com tanta riqueza nativa.

As plantas medicinaes constituem uma secção vasta, com centenas de plantas para multiplas applicações therapeuticas, divididas por grupos de purgativas, diureticas, tonicis, amargas, vomitivas, depurativas, estimulantes, aromaticas e toxicas.

Estão bem conservadas e arrumadas com arte, de modo a agradar, formando um conjuncto bem acabado.

A secção de plantas tintoriaes é muito rica e as cores amarela, roxa, negra e carmim estão bem representadas.

Plantas oleoginosas com muitas variedades e os seus productos em vidros espeziaes.

Seivas medicinaes em vidros esplendidos, que realçam ainda mais as cores dos liquidos vegetaes.

Materia prima para chapéos em abundancia.

As palhas novas de Pindoba, Paty e Iry, depois de uma ligeira decocção, tornam-se macias, flexiveis, muito proprias para a confecção de chapéos finos para senhoras e homens.

Podem servir para as fabricas de chapéos de palha. E como ha em abundancia no Brasil, o pedido de qualquer quantidade pôde ser satisfeito com presteza.

Todas as amostras de plantas e madeiras estão bem etiquetadas, com as indicações em francez e junto um pequeno mappa do Brasil, com a sua área e população.

Esta é a parte da industria extractiva vegetal.

Agora passamos para a secção da industria extractiva animal, representada pela variedade de passaros, desde os mais communs até os mais raros e coloridos. As sahiras tão bellas, de plumagens de variegadas cores, os colibris tão interessantes, como pennas douradas, o tucano com o seu longo bico e papo amarelo, o pica-páo, a garça, os gaviões, jacú, papa-moscas, bemtevis e tantos outros estão como o natural, em galhos toscos, imitando a propria natureza.

Tantos passaros armados produzem admiração ; e a Europa vai ver que o Brasil possui bellos especimens.

Trabalho bem feito e paciente, o passarinho só falta voar para confirmar sua identidade.

Collecção de peixes muito bonita, com as cores naturaes.

Outra collecção de animaes muito interessante.

A secção de insectos e borboletas foi muito apreciada.

O Sr. Ministro, que gabou a boa organização dos passaros, repetiu o elogio na feitura dos insectos.

Que borboletas enormes, de cores vivas e variegadas, insectos exquisitos, como feitos de galho de café, e outros côr de prata, côr de ouro, negros como carvão e de chifre.

Os Srs. Lavradores são convidados a se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, cujos quinhões de 100\$ e joia de 50\$ são subscriptos na séde da Sociedade Nacional de Agricultura.

Uma variedade digna de ser vista e muito interessante.

Passando á secção agricola, foi examinada a collecção de fructas, conservadas perfeitamente em um liquido proprio, em que a propria cõr é mantida. Variedades de bananas, mangas, peras do Rio Grande, uvas de S. Paulo, limões azedos, abacaxis, cidras, abacates, fructa de conde, carambolas, genipapos etc., e, na mesma secção, grandes tuberculos de mandioca conservados no mesmo liquido.

Constitue uma rica collecção de nossas fructas indigenas e outras acclimadas no Brasil.

Dentro de longos vidros hermeticamente fechados, de dimensões iguaes, o conjunto apresenta um aspecto agradavel.

O mostruario dos cereaes, com uma profusão e variedade de productos: arroz de varias qualidades, milhos diversos: amarelo, cattete, branco, etc.

As leguminosas bem representadas pelos feijões, favas, ervilhas, soja, etc.

Os feculentos pelos polvilhos, ararutas, raspas de mandioca, e os farinaceos pela maizena, fubá, farinhas de mandioca, de banana, etc.

Collecção de assucar e bonitas amostras de superiores typos de café de Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo, em saccoes de algodão encorpado.

Todos os productos estavam etiquetados e catalogados.

E a commissão em Bruxellas não tem outro trabalho senão arrumar as collecções nos respectivos logares.

A Sociedade Nacional de Agricultura prestou um bom serviço, organizando tão interessante exposição, ás industrias agricola e extractiva, em um espaço de tempo tão escasso.»

Missão Dahne — O Ministro da Agricultura confiou ao Dr. Eugenio Dahne a missão de ir aos Estados Unidos da America do Norte e ao Canadá, para onde seguirá brevemente, afim de fazer a propaganda do Brasil e dos seus productos de accôrdo com as instrucções baixadas pela Directoria Geral de Agricultura e Industria Animal.

O Dr. Eugenio Dahne leva instrucções para promover para o Brasil a emigração de agricultores, industriaes e capitalistas, sem outros favores além dos especificados nas disposições regulamentares que baixaram com o decreto n. 6.455, de 19 de Abril de 1907, assim como autorização para ajustar 10 profissionaes, verdadeiramente praticos, que venham servir entre nós como chefes de cultura ou de varias especialidades, entre as quaes se salientam as culturas do algodão, do trigo e da vinha, a pomicultura e a avicultura.

Uma vez escolhidos esses profissionaes, o Dr. Eugenio Dahne enviará a sua proposta ao governo, para serem acceitas ou não as condições do contrato.

Além disso, o Dr. Dahne estudará as plantas que forem communs aos países acima e ao Brasil, as que puderem ser acclimadas entre nós, as terras e estrumes que melhor lhes convenham, as pragas de que são atacadas, os medicamentos empregados para extirpa-las, o modo de cultura dessas plantas, o seu aproveitamento industrial, os mercados para o seu consumo, preços, fretes, tarifas e direitos que tenham de pagar, salientará as vantagens que o Brasil offerece á cultura do algodão, do trigo, da vinha, da mandioca, da piteira, dos cereaes, das fructas em geral e á criação do avestruz, de aves domesticas e outros animaes, estudando,

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Embira seda e Guayma.

ao mesmo tempo, as molestias relativas e os meios seguros de obviá-las; esforçar-se-á para tornar conhecidas as vantagens que offerecem os nossos mercados e, bem assim, tudo quanto se relacione com a immigração, devendo ser orientados todos aquelles que quizerem trabalhar em nosso país; fará conferencias publicas sobre o Brasil e as vantagens que proporciona ao emprego de capitaes e braços, podendo, ao terminá-las, fazer servir café e mathe aos circumstantes; procurará fazer estudos comparativos do preço e valor das nossas terras com o das terras americanas, salientando as vantagens em favor das nossas, que produzem sem estume e podem ser adquiridas por preços relativamente baixos, quando as dos Estados Unidos já attingem a valores fabulosos.

O Dr. Dahne deverá estudar, simultaneamente, a propaganda para o consumo dos productos brasileiros e alliciação de immigrantes; as culturas novas que puderem ser introduzidas, com proveito, em nosso paiz, especificadamente as das frutas, sua colheita, seu acondicionamento para exportação, seu preparo para melhor conservação, e, bem assim, a industria das aves e, em particular, dos aves-truzes, sob um ponto de vista industrial e economico.

Durará nove mezes a missão do Dr. Dahne, terminando a 31 de Dezembro do corrente anno, podendo, entretanto, ser prorogado esse prazo, se o resultado da propaganda for satisfactorio.

Valor official da exportação geral da Republica

S. Paulo	201.324:425\$035
Minas Geraes	142.069:912\$514
Acre.	68.272:578\$000
Amazonas	66.238:390\$000
Rio Grande do Sul	51.918:165\$430
Pará	47.416:612\$000
Bahia	39.377:312\$211
Pernambuco	31.674:972\$000
Paraná.	16.000:000\$000
Espirito Santo.	11.165:514\$000
Alagôas	8.507:974\$000
Matto Grosso	7.555:960\$000
Santa Catharina	7.242:212\$949
Sergipe.	6.762:431\$543
Maranhão	6.545:764\$000
Ceará	6.111:931\$683
Parahyba	4.789:464\$000
Piahy.	2.615:536\$000
Rio Grande do Norte	2.341:188\$900
Goyaz	216:063\$661

Receita approximada dos Estados

S. Paulo	53.000:000\$000
Capital Federal	27.000:000\$000
Amazonas	20.470:000\$000
Pará	16.920:000\$000
Acre (1907)	14.125:000\$000
Rio Grande do Sul	10.200:000\$000
Pernambuco	9.905:000\$000
Bahia	9.390:000\$000
Rio de Janeiro	8.220:000\$000
Ceará	4.059:000\$000
Paraná.	3.320:000\$000
Espirito Santo	2.970:000\$000
Maranhão	2.300:000\$000
Alagoas	2.100:000\$000
Matto Grosso	1.860:000\$000
Sergipe	1.523:000\$000
Santa Catharina	1.460:000\$000
Rio Grande do Norte	1.239:000\$000
Piahy.	983:000\$000
Goyaz	860:000\$000
Parahyba	854:000\$000
Minaes Geraes.	9

Transplantação de mudas — Sobre este assumpto recebeu o presidente desta Sociedade, da importante e conceituada firma Dias Garcia & C., a carta que em seguida transcrevemos:

« Sendo nós os unicos agentes nesta praça da *Fabrica vasos de papelão inteiriços LSOFREN para transplantações*, pedimos permissão a V. S. para remetter-lhe amostra e solicitar sua obsequiosa attenção para o folheto incluso que descreve as reaes vantagens e utilidade que estes vasos offerecem a todos os que se interessam pela agricultura e silvicultura no Brasil.

Sendo o principal escopo dessa Sociedade a diffusão ds todos os conhecimentos que se relacionem com a agricultura em geral, proporcionando ao mesmo tempo aos interessados todas as facilidades em prol do seu desenvolvimento e progresso, cremos que os nossos *vasos* muito concorrerão para esse *desideratum* e que por isso muito deverão interessar a essa Sociedade.

A fabrica produz só vasos das dimensões da amostra, porém esses, segundo o parecer de habilissimos profissionaes, são do tamanho adaptavel tanto para pequenas plantas, como para o eucalyptos, acacia, café e outras semelhantes, de maneira que é desnecessaria a fabricação de vasos maiores; no emtanto, poderão ser fabricados desde que se trate de grandes encomendas que de certo modo compensem a montagem de novos machinismos, que são muito dispendiosos.

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Collecção de materias primas para chapéus.

Os nossos preços são os mesmos da fabrica e vão mencionados no supracitado folheto, sendo que para os vasos postos nesta capital haverá o angmento de 2\$700 em milheiro, proveniente do frete, carreto e embalagem.

Aproveitamos a opportunidade para nos firmarmos com toda a consideração e verdadeira estima.»

Immigração.— *Immigrantes entrados no porto do Rio no mez de março de 1910 3.329.*

Sendo :

Exptaneos	3.176
Subsidiados	153
Homens	2.653
Mulheres	676
Solteiros.	2.063
Casados	1.221
Viuvos	45
Maiores de 12 annos.	3.048
Entre 7 e 12 annos	113
» 7 e 3 »	85
Menores de 3 »	83

NACIONALIDADES

Portuguezes.	2.139
Hespanhóes.	328
Italianos.	248
Russos	176
Allemaes	96
Austricos	94
Syrios	60
Brazileiros	42
Francezes	32
Inglezes	28
Norte-Americanos.	17
Hungaros	14
Uruguayos	11
Hollandezes.	7
Gregos	6
Romaicos	6
Argentinos	4
Chilenos.	4
Belgas	3
Chinezes.	3
Suissos	3
Dinamarquezes.	2
Bulgaro	1

Canadense	1
Cubano	1
Egyptio	1
Indio	1
Noruego	1
	3.329

Movimento dos immigrants entrados no porto de Santos, durante o mez de março de 1910.

Italianos	664
Hespanhóes	814
Portuguezes	686
Turcos	52
Allemaes	46
Austriacos	55
Francezes	7
Brazileiros	70
Argentinos	2
Russos	37
Norte-Americanos	4
Inglezes	2
Hungaros	3
Gregos	5
Uruguayos	1
Suissos	1
Japonezes	2
Romenios	2
Total	2.453

PROFISSÕES

Agricultores	1.516
Artistas	184
Diversos	753
Total	2.453

PROCEDENCIAS

Europa	1.614
Asia	35
Africa	186
Norte-America	7
Argentina e Uruguay	414
Portos do Brazil	194
Diversos portos	3
Total	2.453

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Sementes oleaginosas e plantas tintoriaes.

OBSERVAÇÕES

Immigrantes espontaneos	1.594
» subsidiados.	859
Total	2.453

Sociedade Pastoril, Agrícola e Industrial de Jaguarão — Em sessão de assembléa geral, a Sociedade Pastoril Agrícola e Industrial de Jaguarão (Rio Grande do Sul) foi eleita a seguinte

Directoria

Presidente, Zeferino Lopes de Moura (reeleito).
 Vice-presidente, João Esteves (reeleito).
 1º Secretario, Adalberto Azevedo Souza (reeleito).
 2º Secretario, Dr. Quintiliano de Mello e Silva.

Director-caixa

Manoel Amaro Junior.

Directores

José Maria Terra.
 Hermenegildo Corrêa.
 Antonio Joaquim R. Lima.
 Antonio Olegario de Mattos.
 Dr. Francisco Dutra.
 Bernardino Silva.
 Innocencio P. Nunes.
 João Basilio Dutra.
 Soriano Rodrigues.
 Alfredo Ferreira.

Agradecendo a gentileza da participação, desejamos largas prosperidades a tão útil associação.

Lyceu de Artes e Officios da Bahia — Este lyceu commorou no dia 24 de outubro do anno p. p. o 37º anniversario de sua installação e no dia 28 de novembro procedeu-se á eleição para os funcionarios do anno social de 1909 a 1910, sendo eleitos os socios constantes da lista abaixo, os quaes foram devidamente empossados nos respectivos cargos.

Os lavradores devem-se filiar á Cooperativa Central dos Agricultores do Brasil, á rua da Alfandega, 108.

FUNCIONARIOS DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

EXERCICIO DE 1909 A 1910

Assembléa Geral

Presidente, Francisco T. Bahia da Silva Araujo.
Vice-presidente, Livino de Amorim.
2º Vice-presidente, Dr. Guilherme C. Foëppel.
1º Secretario, João Baptista da Silva.
2º Secretario, João Carlos de Miranda.

Direcção

Presidente, Manoel Eustaquio de Oliveira Pinto.
Vice-presidente, Octacilio A. de C. Tourinho.
1º Secretario, José Garcia Pacheco Aragão Junior.
2º Secretario, Miguel da Silva Miranda.
Thesoureiro, Christovam Florencio Lopes.
Archivista, Vicente de Paulo Farias.
Hospitaleiro, João Pompilio de Abreu.

Commissão Economica

João Pedro Rodrigues Lima.
Aurelio Passos.
Joaquim da Silva Ruas.

Commissão Artistica

Marcolino da Silva.
Aquilino Pinto de Andrade.
Manoel Alexandre Ferreira de Carvalho.

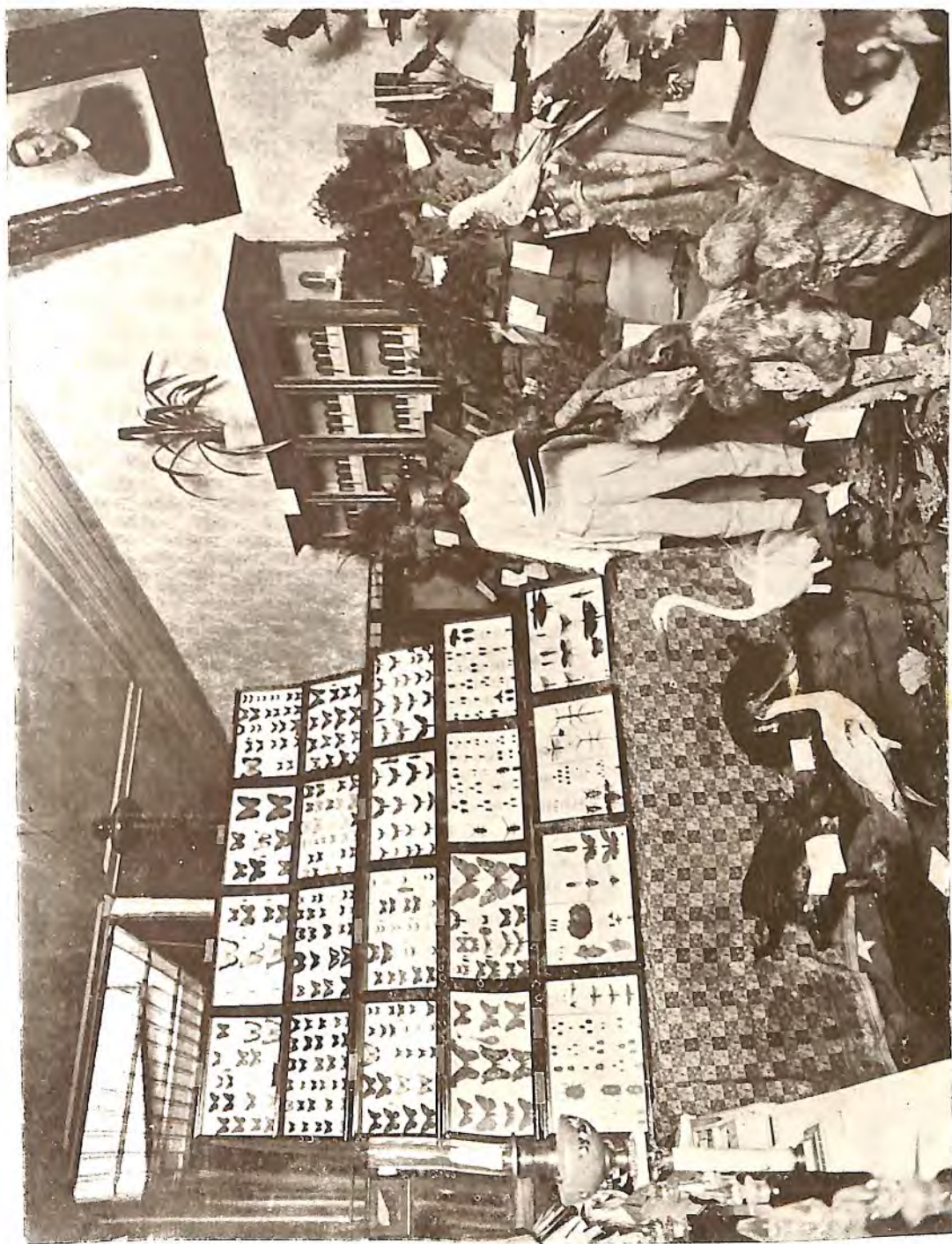
Commissão Fiscal

Alfredo Fonseca Almeida.
Commendador José Alves Ferreira.
Ricardo da Silva Teixeira Machado.

Associação Commercial da Bahia — A nova directoria desta util associação foi eleita e empossada em sessão de 2 de março p. p. e é a seguinte :

Presidente, Manoel José do Conde Junior.
Vice-presidente, José Alves Ferreira.
Secretario, Manoel Severiano de Lima Valverde.
Thesoureiro, Benigno Baptista da Silva.

EXPOSIÇÃO DE BRUXELLAS



Collecção de insectos e animais preparados

Directores

Hugo Schieck.
Theodoro Teixeira Gomes.
Wenceslau Pires.
Antonio Rosa Britto.
Reginald de Crecy Steel.
Dr. Antonio Ribeiro de Barros.
Genesio Coelho dos Santos.
José Maria Ferreira Fresco.
Eudoro Tude de Souza.
Conrado Francisco Lage.

União Sant'Amarense—Em Santo Amaro do Cubatão, foi installada a Sociedade Instructiva, Recreativa e Auxilio Agricola com a denominação de « União Sant'Amarense ».

Agradecendo a communicação que recebemos, assignada pelo Srs. José C. Kerich, presidente, e Alfredo Magno da Silva Porto, fazemos votos pela prosperidade da novel instituição.

Cooperativa de Consumo — No dia 9 de março do corrente anno teve lugar na sede desta Sociedade a reunião dos organizadores da Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello occupando a presidencia, convidou para tomar lugar a seu lado o Sr. Dr. De Stephano Paternó, representante dos socios agrarios e das cooperativas agricolas do sul da Italia, ás quaes pertencem a iniciativa dessa organização, e para secretarios os Srs. Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior e A. A. Cardoso de Almeida.

Estiveram presentes, entre outros, o Consul e o representante commercial da Italia nesta Capital.

O Exm. Sr. Ministro da Italia se excusou por carta, dando os motivos do seu não comparecimento e transmittindo seus applausos; o Sr. Dr. Prefeito se fez representar pelo Sr. Jonothas Barreto.

O Sr. Dr. Presidente expoz a natureza e fins dessa sociedade, qual o intercambio commercial entre os dois paises e facilidade dos productores collocarem seus productos e dos consumidores obterem o barateamento dos generos e a inteira garantia de sua pureza.

Nessa reunião foi discutido o projecto de estatutos e nomeada a commissão representante dos organizadores, que ficou composta dos Srs. Dr. Wenceslão Bello, Carlo Palos, da Casa Carlo Pareto & C., Coronel João Corrêa Pacheco, Dr. De

Escriptorio de engenharia agronomica do engenheiro F T. de Souza Reis

Rua da Alfandega 14 — Caixa 1186 — Rio

Stephano Paternó, Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior, Nicoláo Pentagna, Victor Póver, representante e delegado commercial da Italia.

No dia 4 de abril, ás 3 horas da tarde, no salão de conferencias da Associação dos Empregados no Commercio, realizou a sua annunciada conferencia sobre as vantagens do cooperatismo o Sr. Dr. De Stephano Paternó, sendo muito applaudido pelo numeroso auditorio.

No dia 23 de abril realizou-se, na sede da Sociedade Nacional de Agricultura, a assembléa de installação da cooperativa, com 125 socios inscriptos, tendo sido approvados os estatutos e eleita a sua primeira directoria, que é a seguinte: Dr. Wencesláo Bello, presidente; Coronel João Corrêa Pacheco, vice-presidente; Amadêo Gonella, 1º secretario; Dr. João Pedreira do Couto Ferraz Junior, 2º secretario; Carlo Palos, thesoureiro.

Supplentes: Antonio Teixeira Lopes, Carlos Raulino, Manoel Lisboa, Dr. J. C. de Sousa Bandeira e Octavio Guimarães.

Conselho fiscal: Dr. Joaquim Xavier da Silveira, Gastão da Cruz Ferreira e Commendador José Antonio da Silva.

Supplentes: Nicoláo Pentagna, Dr. Manoel del Castillo e Tenente-coronel Aristides de Oliveira Goulart.

Fallaram os Drs. Wencesláo Bello e De Stephano Paternó, salientando este o fim altamente patriótico desta sociedade e a segura esperança da transformação social de que será ella o inicio.

Foram acclamados presidentes honorarios o Exm. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura, o Dr. Luis Luzzatti, presidente do conselho de ministros na Italia, aos quaes o Sr. Dr. Bello passou os telegrammas seguintes:

« Exm. Sr. Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura — Tenho prazer communicar na assembléa installação Sociedade Cooperativa Popular de Consumo Italo-Brasileira, foi V. Ex. acclamado, com grande enthusiasmo, presidente honorario, bem como Dr. Luis Luzzatti, chefe de conselho de ministros na Italia. Aceitação de V. Ex. será maior estimulo para incremento patriótico empreendimento iniciará transformação economica generos consumo nosso país.»

« Presidente Luzzatti — Roma. Nominando Consiglio Cooperativa Consumo Italo-Brasileira, assembléa fazendo omaggio Padre Cooperativismo Italiano proclamó V. Ex. presidente onorario.»

Passou tambem o Sr. Dr. Bello um telegramma ao Sr. Ministro da Italia, em Petropolis:

« Constituita Cooperativa Consumo Italo-Brasileira, assembléa proclamó Luzzatti presidente onorario. Saluto V. Ex.»

O Exm. Sr. Ministro da Agricultura respondeu por telegramma, da seguinte forma:

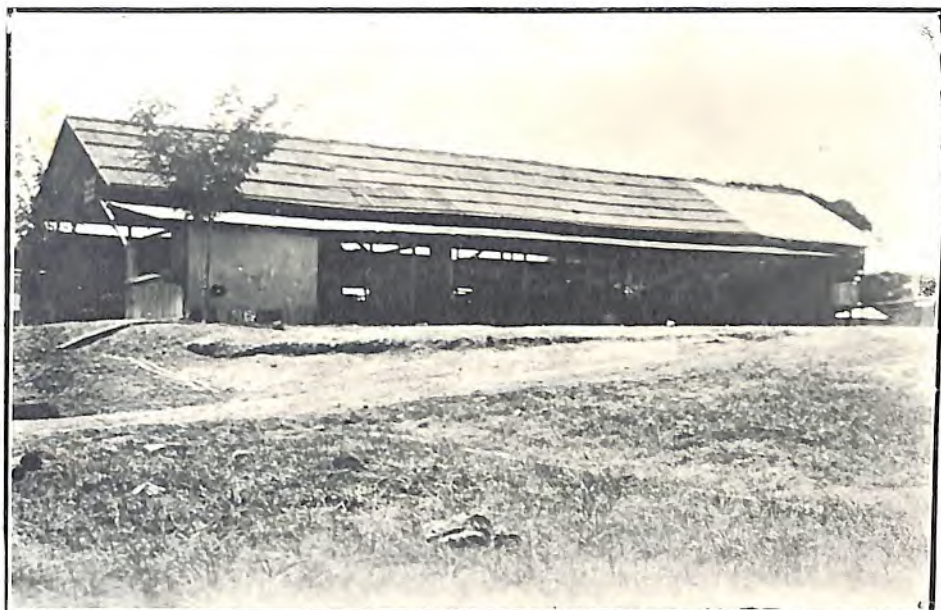
« Accuso recebido telegramma communicando installação Sociedade Cooperativa Italo-Brasileira e indicação meu nome seu presidente honorario. Penhorado, aceito honrosa distincção, fazendo votos prosperidade tão util associação.

Saudações — Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura.»

No proximo numero daremos o prospecto da Cooperativa de Consumo Italo-Brasileira e nos occuparemos ainda deste palpitante assumpto.

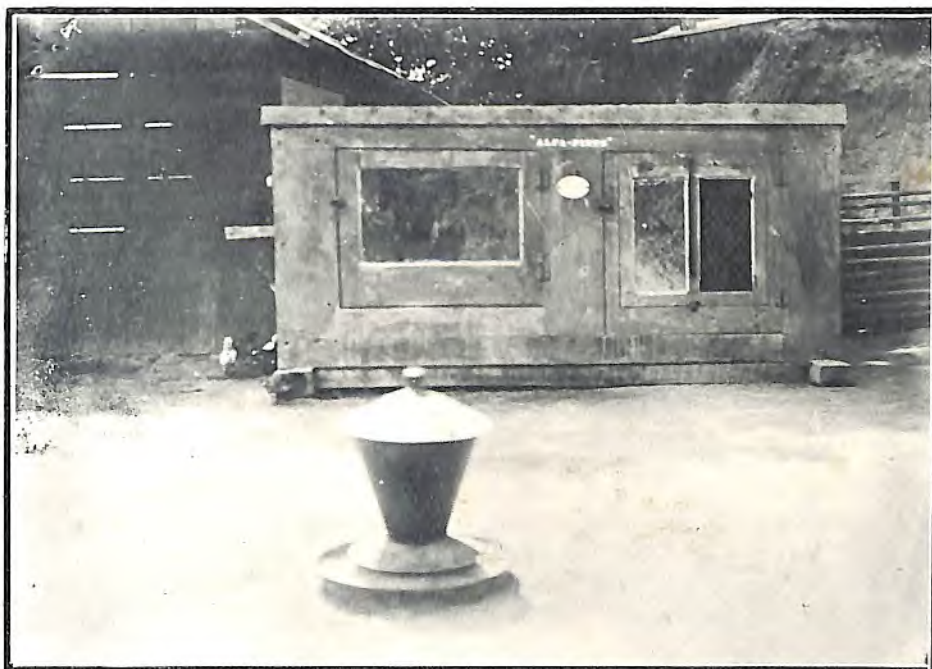


HORTO DA PENHA



Vista exterior do deposito das machinas agricolas.

HORTO DA PENHA



A erideira "Alfa Pinto" em acção, tendo á frente um alimentador automatico.

EXPEDIENTE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto da Penha

Plantação em viveiros — Foram plantadas em viveiros as seguintes sementes:

3.000 sementes de *Eugenia Speciosa*.

1.500 » de Abacate.

2.000 » de Laranjeiras.

8.000 » de fructa de conde.

5.000 » de Cacão.

Fez-se a plantação de batatas no campo de experiencias.

Construção — Construiu-se uma commoda para a estufa, alambique e machinas para o beneficiamento da mandioca.

Remessa de plantas. — Foram remetidas para varios pontos do paiz 616 plantas

Venda de aves de r.ças, colméas, etc. — Foram vendidas 11 gallinhas de raça e 15 colméas.

Apprendizado agricola. — As aulas funcionaram regularmente; os alumnos encarregaram-se da plantação das batatas, procedendo á lavragem do terreno, adubação respectiva escolha. Levantaram a planta da área respectiva.

O alumno Sylvio de Carvalho, que foi o primeiro a matricular-se, por conta da Sociedade, no curso de *Charrueiro* e *Avicultura*, concluiu os respectivos cursos no dia 15 de abril, depois de uma estadia de um anno.

Este alumno revelou grande aptidão e intelligencia, dando magnificas provas durante o tirocinio da aprendizagem.

A Sociedade, em virtude das provas de habilitação reveladas pelo referido alumno, conferiu-lhe o respectivo certificado.

VISITANTES

Fortunato Alvel Pereira.

Justino Alves Pereira.

Dr. Jacques Dias Maciel.

Osmindo Oliveira de Novaes.

Dr. João C. da Rocha Cabral.

Enéas da Rocha Carvalho.

Zozimo da Silva Werneck.

Dr. Francisco Azarias de Queiroz Botelho.

Alberto de Andrade Queiroz Botelho.

Secretaria

MEZ DE MARÇO DE 1910

Correspondencia recebida

Cartas	567
Officios de governo	18
» de particulares.	5
Telegrammas	5
Circulares.	25
	<u>620</u>

Correspondencia expedida

Cartas.	270
Officios a governos	17
Telegrammas.	24
Circulares.	6.611
Diplomas	88
Boletim «A Lavoura»	8.596
	<u>15.606</u>

Secção de fornecimentos

MEZ DE MARÇO DE 1910

Arame farpado e grampos

Pedidos.	76
Rolos de 40 k ^s	2.142
» de 26 k ^s	1.680
	<u>3.822</u>
Metragem.	2.123.404
Grampos, kilos	2.582

Custo

No mercado.	50:631\$360
Fornecido pela Sociedade.	46:587\$420
	<u>4:043\$940</u>

Secretaria da Sociedade Nacional de Agricultura, 13 de abril 1910. — *Carlos de Castro Pacheco*, Chefe da Secretaria.

Secção das applicações Industriaes do alcool. Movimento de propaganda no mez de março

Foram feitas tres exhibições comapparelhosa alcool, sendo uma no centro da Capital com seis lampadas, para duas noites de illuminação, uma em arrabalde com seis lampadas, para uma noite e uma em suburbio, com uma lampada, para uma noite, sendo fornecidos 13 apparelhos durante quatro noites, consumindo 57 litros de alcool de 40°.

Forneceram-se 69 litros de alcool de 40° a diversos.

Total do alcool consumido no mez de março 126 litros.

Fornecimentos aos socios feitos pela Sociedade Nacional de Agricultura

Tirando partido de seu caracter de associação, já prestigiada com o numero de mais de 2.500 socios, a Sociedade, no intuito particular de demonstrar a utilidade e o mecanismo dos syndicatos agricolas, emprehendeu favorecer os seus socios com o supprimento de generos estrangeiros e nacionaes a preços mais reduzidos do que os do commercio a varejo.

Com esse proposito e valendo-se dos favores aduaneiros que a lei confere ao Syndicato Central dos Agricultores no Brasil tem fornecido arame farpado e respectivos grampos.

Além disso e mediante contractos especiaes, tem fornecido, a preços reduzidos, formicida, alcool, machinas agricolas e outros objectos.

Revedo todos os seus contractos e fazendo outros que começam agora a vigorar, a Sociedade está habilitada a fornecer os seguintes generos, em cujos preços não estão incluidas as importancias de embalagem, de despacho e de frete:

ARAME FARPADO PARA CERCAS

Rôlo de 26 kilos com 160 metros de fio a	7\$200
Rôlo de 40 kilos com 402 metros de fio a	11\$000

ACCESSORIOS PARA CERCAS

Grampos para prender o arame	\$360	o kilo
Moirões com 2 metros de altura.	1\$500	cada um
Pilares » » » para os cantos	3\$400	» »
Varetas para as cercas	\$45	cada uma
Esticadores com manivela	5\$200	cada um
» com moitões.	5\$200	» »

O arame farpado da Sociedade Nacional de Agricultura tem uma redução de mais de 40% sobre os preços do mercado.

ENXADAS BEM CALÇADAS, DE AÇO

	Universal	Radiante	Raio	Cruz Vermelha
de 2 libras.	1\$200	1\$400	1\$250	1\$450
de 2 1/2 libras	1\$300	1\$500	1\$350	1\$500
de 3 libras.	1\$450	1\$600	1\$500	1\$580
de 3 1/2 libras	1\$570	1\$750	1\$600	1\$740
de 4 libras	1\$680	1\$900	1\$700	1\$830

FOICES

Ns. 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11 e 12 — aos preços respectivamente de \$300, \$370, \$730, \$800, 1\$000, 1\$130, 1\$300, 1\$500, 1\$600 e 1\$800.

MACHADOS

Estreitos:

Sortidos de 3 a 4 39\$000 a duzia

Largos:

Sortidos de 3 a 4 40\$000 »

De 3 1/2, duzia 41\$; de 4, duzia 45\$; de 4 1/2, duzia 48\$000; de 5, duzia 51\$; de 5 1/2, duzia 56\$; de 6, duzia 62\$000.

MACHINAS AGRICOLAS

Moinhos para fubá:

Marca Patente — N. 6 por 31\$; n. 8 por 36\$; n. 10 por 41\$; n. 12 por 50\$; n. 14 por 60\$, n. 16 por 63\$; n. 18 por 75\$000.

Marca Try — N. 8 por 52\$; n. 10 por 67\$; n. 12 por 83\$; n. 14 por 96\$; n. 16 por 120\$; n. 18 por 130\$000.

Debulhadores de milho:

Coloniaes	5\$200
Black.	8\$600
Clinton	21\$000
Agua.	40\$000

Arados americanos — N. O, 18\$; n. OO, 20\$; n. B 1, 26; n. A 1 1/2, 33\$; n. A 2, 36\$; n. A 3, 40\$000.

Com disco reversiveis — 20", 170\$; 24", 210\$000.

Cavadeiras:

Para tirar terra — americanas, com 2 pás. 10\$200
Para café — 3 £ — 1\$300; 3 1/2 £ — 1\$400.

Pulverizadores:

Bauer n. 1 62\$000

são applicados na exterminação dos parazitas que atacam os arvoredos, com os ingredientes liquidos que forem aconselhadas,

Além destas, a Sociedade fornece installações completas para o preparo do arroz e do café, mediante previos ajustes sobre os quaes o socio lavrador gozará de abatimentos que oscillam de 5 a 10 % sobre os respectivos preços de catalogos, sendo gratuitos os transportes nas estradas de ferro federaes.

LACTICINIOS

Installações completas para as industrias de lacticinios pela Casa Hopk ni Causer, com abatimento de 5 %, sobre o preço do catalogo.

COLMEIAS

Como os mais modernos aperfeiçoamentos, pelo preço de 18\$000.

SALOZO

Um preparado de sal e peroxydo de ferro, proprio para alimentação do gado; é economico e asseiado, em tijolos de 5 kilos, não sujando as baias ou lugares onde são collocados e sem desperdicio. Preço 190 réis o kilo.

NOTA—Se o socio pedir de uma só vez 500 ks., gosará o abatimento de 10%; de 1.000 ks. para cima o de 15%.

FORMICIDAS

Paschoal:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma 16\$000

Merino:

Caixa com 4 latas de 4 litros cada uma 16\$000

Schomaker:

Caixa com 6 botijas de 1 1/2 litro cada uma. 22\$000

ALCOOL

De força de 40 °, em latas de 18 litros, pelo preço das vendas em pipa, o que corresponde a uma redução de cerca de 10 %.

ANTISEPTICOS

Creolina Pearson 2\$000 a lata c/ 1 litro

Cresolina Werneck 1\$100 » »

A mais reputada das creolinas de fabricação nacional.

Electro Sanitas \$500 o litro

A Sociedade Nacional de Agricultura fornece chocadeiras,
por preços especiaes.

Preparado do Sr. Octavio Santos Moreira, de magníficos resultados obtidos para a exterminação de insectos nocivos ás plantas e gafeira dos carneiros.

DIVERSOS

Pós para gosma — <i>de gallinhas</i> — específico		
<i>recommendedo</i>	lata	1\$200
Sulfato de cofre para tratamento de plantas . .	kilo	\$650
Sulfato de ferro	»	\$250
Sal amargo menos de 60 kilos.	kilo	\$250
Mais de 60 kilos.	»	\$160
Sal de Glaubert menos de 60 kilos.	»	\$230
Mais de 60 kilos	»	\$150
Enxofre em flor.	caixa	11\$000

Mercurio marca boi — Caixa com 50 grammas 1\$; com 100, 1\$700 ; com 200, 3\$100 ; com 400, 5\$700.

Escovas de raiz para animaes — N. 115, 6\$500 ; n. 116, 7\$500.

Escovas francezas para animaes — N. 115, 9\$600 ; n. 116, 10\$500 ; n. 117, 11\$500.

Tesouras:

Para podar, n. 27.	uma	4\$200
» tousar animaes	»	4\$200
Machina — Para tousar animaes.	»	4\$600

Raspadeiras:

Com asa	uma	4\$300
» cabo.	»	4\$100
Reforçadas.	»	8\$000

Correntes para arado e para carroça:

Elo curto 1/8, kilo \$950 ; 3/16, kilo \$850 ; 1/4, kilo \$770 ; 5/8, kilo \$730 ; 3/8, kilo \$680 ; 17/16, kilo \$660 ; 1/2, kilo \$650 ; 5/8, kilo \$640 ; 3/4, kilo \$640.

Elo comprido 3/16, kilo \$780 ; 1/4, kilo \$750 ; 5/16, kilo, \$730.

Chocadeiras e criadeiras — A Sociedade tendo adquirido em boas condições algumas *chocadeiras e criadeiras* cede-as a preços reduzidos.

Os lavradores, que bem conhecem os altos preços que costumam pagar, podem apreciar a vantagem extraordinaria dos preços que a Sociedade está habilitada a lhes proporcionar e que representam economias de 5 a 40 %.

A economia proporcionada na aquisição do arame farpado, em relação aos preços correntes no mercado, é, respectivamente, de 2\$300 e de 6\$, para os rolos de 26 e 40 kilos.

Até o fim do anno ultimo, 31 de dezembro de 1909, a economia proporcionada á lavoura com os nossos fornecimentos foi de 189:828\$640, não computados o supprimento de plantas e sementes e os transportes gratuitos concedidos. No anno de 1909 a economia importou em 96:464\$740.

Sendo um dos fins da Sociedade demonstrar os effeitos do regimen de associação sobre a vida financeira da lavoura e sendo condição essencial desse regimen a pontualidade dos associados, os fornecimentos especiaes da Sociedade serão limitados exclusivamente aos socios quites.

Para os obter o interessado deverá satisfazer as seguintes condições:

- 1ª, ser socio quite da Sociedade Nacional de Agricultura ;
- 2ª, ser agricultor, apresentando disso provas bastantes a juizo da directoria da Sociedade ;
- 3ª, formular o pedido directamente á Sociedade e por escripto ;
- 4ª, pedir sómente para o seu proprio consumo, indicando o nome e a situação da propriedade a que destina o emprego do producto ;
- 5ª, enviar á Sociedade, juntamente com o pedido, a sua importancia ou uma ordem para o seu pagamento contra casa commercial ou bancaria com séde na Capital Federal.

A Sociedade se reserva o direito de negar fornecimento a quem peça ou tenha pedido para outrem, eu tenha repartido com outra pessoa, ainda que associada, generos anteriormente fornecidos e procederá de igual modo quando souber ou tiver motivo para suppôr que o pedido é feito com intuito de commercio.

Instituindo esses serviços directos, procura a Sociedade desempenhar de modo mais util o seu compromisso de se constituir em centro de auxilios á lavoura, distribuindo-os de preferencia por intermedio de seus socios.

Com o mesmo intuito concederá aos socios despacho gratuito nas vias ferreas federaes a plantas, sementes, machinas agricolas, ainda quando adquiridas sem a sua intervenção, e prestará informações que lhe forem pedidas sobre assumptos agricolas e pastoris, tomando conhecimento das queixas e reclamações dos lavradores associados, advogando-as, quando justas, perante quem de direito.

Relação dos socios entrados no mez de março de 1910

Major José Candido de Moraes Castro.
Antonio Pereira Telles.
Coronel Joaquim Mariano Alvares de Castro Junior.
Cassio Jalles Cabral.
Capitão Manoel Martins de Amorim.
José Antonio do Araujo,
Coronel Henrique Vianna.
Annanias Ferreira da Silva.
João Alves de Miranda.
Capitão Antonio Bernardo Monteiro.
Herdeiros do capitão Americo Machado.

Para adquirir-se chocadeiras que funcionam bem, por preços reduzidos, basta dirigir um pedido á Sociedade Nacional de Agricultura.

Theodoro Rinollo.
Ronão Penna Villa.
Januario Victor de Barros.
Joaquim da Costa Carneiro.
Francisco Rodrigues Monsão.
João José Vianna Filho.
Eufrazio da Cunha Filho.
Antonio Luiz de Souza Mello.
Magiorino Gondolo.
Alexandrino José Souto.
Dr. Oséas Martins Villela de Andrade.
Cooperativa Agricola Pontenovense.
Dr. Flavio de Salles Dias.
Cooperativa Agricola Oeste de Minas.
José Eduardo Vargas.
Felippe Salomão Junior.
Benjamim Lima da Fonseca.
José Pinto Villela.
Major E. de Evaristo Alves de Oliveira.
Capitão Pedro de Alcantara Silveira.
Capitão Jayme Gouveia.
Dr. Affonso Augusto Costa.
Francisco de Paula Netto Junior.
João Baptista de Paiva.
José Medice.
Antonio Adalberto de Almeida.
João Miranda & Irmãos.
Dr. Carlos Augusto dos Santos Pinto.
Pedro de Almeida Nogueira.
Capitão Joaquim Nogueira de Almeida.
Joaquim Soares Lopes.
Capitão Francisco Luiz Ribeiro.
Tenente-coronel José de Aquino Pinheiro.
José da Costa Moraes.
Coronel João Quintino Teixeira.
Henrique Moura Brandão.
John Crashley.
Dr. Casemiro Villela.
Dr. Gabriel Teixeira.
Coronel Honorio Marcellino Pinto.
João Felix de Oliveira Tupinambá.
Manoel da Silva de Figueiredo.
Francisco Liebala.
Dr. José Ribeiro de Castro.
Dr. Manoel Pinto Carneiro da Silva.
Capitão Octaviano Pinto de Rezende.
Dr. Antonio Rogerio de Gouvêa Freire.

Manoel José Vieira Pires.
 José Lucio Junqueira.
 João Gonçalves Perini.
 Joaquim Borges da Silva.
 Felisbino Pereira de Figueiredo.
 Ignacio Lopes da Costa.
 João Baptista Vieira.
 Wolfgang Erick Weber.
 João Ribeiro Pereira de Magalhães.
 Gabriel de Oliveira Junqueiro.

Socios que subscreveram para o « distinctivo » durante o mez
de abril

Revm. P. Cicero Romão Baptista.	50\$000
Dr. Francisco Ignacio Monteiro de Andrade.	20\$000
Olympio do Couto.	20\$000
Antonio Maximino Pinto de Souza.	20\$000
Apollinario de Moraes	20\$000
Honorato Martins Borges.	15\$000
José Francisco de Oliveira.	15\$000
Manoel Teixeira de Camargo	10\$000
Belisario Ferreira do Amaral	10\$000
Fernando Villela de Andrade	10\$000
Manoel de Souza Machado.	10\$000
André Trajano de Oliveira	10\$000
Godofredo Corrêa da Silva.	10\$000
José Villela Marquez	10\$000
Vieira & Braz	10\$000

PARTE COMMERCIAL

Mez de abril de 1910

Café

Durante a primeira quinzena, e em virtude de noticias menos favoraveis das bolsas estrangeiras, o mercado manteve pouco animado; os reflexos, porém, da questão cambial attinente ao proximo termo do maximo limite da Caixa de Con-

versão, deram causa a oscillações de preço, sendo que no fim da ultima quinzena a baixa era sensivel.

No mesmo periodo entraram 147.101 saccas, foram vendidas 141.000 e embarcadas 229.257.

A existencia calculada em 30 de abril era de 204.144 saccas.

Algodão em rama

Na primeira metade do mez, as entradas foram menores do que as da quinzena anterior, diminuindo tambem a existencia.

Continuando a procura, sobretudo por S. Paulo, os preços subiram rapidamente, havendo vendas importantes.

Na segunda metade o mercado se manteve retrahido, mas os preços se conservaram inalterados, pela firmeza dos possuidores do Norte e dos pequenos *stocks* existentes.

Existiam no dia 15	20.492	
Entradas :		
Maceió	4.448	
Sergipe	1.600	
Pernambuco	1.350	
Penedo	1.100	
Maranhão	936	
Natal	276	
Parahyba	169	9.879
		30.371
Sahidas		14.294
Existencia nos trapiches		16.077

Preços :

Pernambuco	17\$500 a 18\$500
Rio Grande do Norte	17\$000 » 18\$500
Ceará	17\$500 » 18\$000
Parahyba	17\$500 » 18\$000
Penedo	17\$300 » 17\$800
Sergipe	16\$800 » 17\$600

Aguardente

Durante todo o mez o mercado esteve firme, tornando-se estaveis as cotações alçadas no começo do alludido periodo.

As entradas constaram de 592 pipas, base de 20 grãos, e os preços por unidade foram os seguintes, segundo a procedencia :

Paraty	120\$000 a 125\$000
Angra	105\$000 » 110\$000
Campos	95\$000 » 100\$000

Bahia.	95\$000 a 100\$000
Pernambuco	95\$000 » 100\$000
Aracajú.	95\$000 » 100\$000
Sul.	95\$000 » 100\$000

Alcool

Na primeira quinzena os preços de todas as qualidades deste producto tiveram a mais 5\$ por pipa ; na segunda elles se mantiveram, apesar dos negocios se terem desenvolvido.

As entradas foram de 1.315 volumes e as cotações por pipa, sem o casco, foram como se segue :

40 grãos	135\$000 a 140\$000
38 »	125\$000 » 130\$000
36 »	115\$000 » 120\$000

Assucar

Foram resumidas, na primeira quizenza de abril, as entradas, e as sahidas mais que regulares, subindo os preços de quasi todas as qualidades.

No fim ainda da primeira quinzena o *stock* baixou sensivelmente, não havendo avisos de embarque de Pernambuco para aqui, continuando bem regulares as sahidas para o estrangeiro.

Na segunda quinzena, continuando as entradas inferiores ás sahidas, mesmo assim o mercado esteve frouxo e em baixa nas cotações, sobretudo para os *crystaes molles*.

Durante o mez os supprimentos recebidos constaram de 84.022 saccas, sendo de Pernambuco 5.520, de Sergipe 50.613, de Campos 8.480, da Bahia 11.110, de Maceió 5.450 e de outras procedencias 2.489.

Os preços, por kilo, regularam assim :

Pernambuco :

Branco crystal.	\$270 a \$300
Dito 3ª sorte.	\$300 » \$320
Crystal amarello.	\$250 » \$270
Mascavinbo	\$220 » \$270
Somenos.	\$240 » \$260
Mascavo bom	\$195 » \$210
Dito regular	\$185 » \$195
Dito baixo	\$180 » \$195

Sergipe :

Branco crystal.	\$270 a \$300
Crystal amarello.	— —
Mascavinbo	\$220 » \$260
Mascavo bom	\$190 » \$210
Dito regular.	\$180 » \$195
Dito baixo.	— \$190

Campos :

Branco crystal.	\$270 a \$310
Dito 2º jacto.	— —
Crystal amarello.	— —
Mascavinho	\$230 a \$235

Bahia :

Branco crystal.	\$290 a \$320
Dito 2º jacto	\$260 » \$280

Arroz

Os supprimentos recebidos durante o mez foram : 2.849 saccos por cabotagem ; 413.695 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 7.877 saccos pela Leopoldina Railway ; 27 ditos pela Companhia Sapucahy e 50 ditos pela Cantareira.

A existencia orçada em 30 de abril, era de 6.928 saccos.

Os preços estiveram sempre sustentados regulando, 29\$500 a 30\$ para o superior ; 25\$ a 26\$ para o inferior ; de 23\$ a 26\$ para o rajado do Norte, por sacco de 60 kilos.

Alfafa

Entraram 3.510 fardos por cabotagem, sendo a cotação de 160 a 180 réis por kilogramma.

Amendoim

Foram recebidos 19 saccos somente pela Leopoldina Railway, vendendo-se á razão de 220 a 230 réis por kilo.

Banha

Os supprimentos recebidos constaram de 17.289 caixas por cabotagem 2.478, kilos pela Estrada de Ferro Central e seis caixas pela Leopoldina Railway.

A existencia em 30 do mez, era de 9.772 caixas.

O mercado esteve sempre firme, contando-se os preços do seguinte modo, por kilo:

Porto Alegre, lata de 20 kilos, de 1\$140 a 1\$200 ; lata de 2 kilos de 1\$140 a 1\$180 ; Itajahy, de 1\$180 a 1\$200 e da Laguna de 1\$100 a 1\$200.

Batatas

No mez de abril entraram 2.594 volumes por cabotagem ; 729.474 kilos pela Estrada de Ferro Central ; 1.481 pela Leopoldina Railway e 444 pela companhia Therezopolis.

Os preços regularam de 140 a 220 réis por kilogramma, conforme a qualidade.

Borracha

Entraram, pela Estrada de Ferro Central 113.135 kilos.

Cangica

Vendeu-se á razão de 250 a 280 réis o kilo.

Cacáo

Chegaram 328 volumes.

Cebolas

Os supprimentos recebidos constaram de 266.869 restas, 1.029 caixas e 430 volumes por cabotagem, cuja cotação foi de 2\$500 a 2\$800 o cento.

Fubá de milho

Preço: 100 a 160 réis kilo.

Farinha de mandioca

Durante o mez entraram 24.073 saccos por cabotagem; 2.774 pela Leopoldina Railway e 140 pela Companhia Therezopolis.

Sahiram dos trapiches no mesmo periodo 36.068 saccos, orçando-se a existencia no ultimo dia do mez em 43.964 saccos.

Os preços se fizeram, como sempre, com grandes differenças, havendo baixa tão somente para as farinhas grossas.

Por sacco de 40 kilos, foram os seguintes:

Especial.	9\$500 a 10\$200
Fina.	8\$200 » 8\$600
Peneirada	7\$400 » 7\$800
Grossa.	5\$600 » 6\$000

Feijão

Os supprimentos recebidos constaram de 21.661 saccos por cabotagem; 234.495 kilos pela Estrada de Ferro Central; 22.180 saccos pela Leopoldina Railway; 8 pela companhia Sapucahy; 429 pela Companhia Therezopolis e 155 pela Cantareira

Sahiram dos trapiches 38.882 saccos, sendo a existencia no ultimo dia do mez de 18.351 ditos.

O mercado se conservou firme, havendo no emtanto algumas differenças de preço para certas qualidades.

**Gallinhas poedeiras Horto da Penha,
Estação da Penha.**

Preço por sacco de 60 kilogrammas :

Porto Alegre (superior).	9\$500 a 10\$200
Santa Catharina (idem)	Nominal
Manteiga	18\$000 a 26\$000
Enxofre	15\$500 » 21\$000
Mulatinho.	13\$000 » 15\$000
Branco	17\$500 » 24\$000
Cores diversas.	7\$000 » 15\$000

Fumo

Entraram 4.522 volumes por cabotagem e 375.024 kilos pela Estrada do Ferro Central, sendo a procura durante todo o mez pequena e havendo baixa de preço para algumas qualidades.

As cotações, por kilogramma, foram as seguintes :

De Minas, especial.	\$900
Dito superior	\$800
Dito 2ª.	\$700
Dito ordinario.	\$600
Goyano especial.	2\$000
Dito superior	1\$600
Baixo	1\$300
Rio Novo, superior	1\$200
Dito 2ª.	1\$000
Dito baixo	\$800
Pomba superior.	1\$000
Dito 2ª.	\$800
Dito baixo	\$600
Carangola	1\$000
Picû, especial.	2\$000
Dito 1ª.	1\$600
Dito 2ª.	1\$200
Bahia	1\$600

Manteiga

Vieram durante o mez 484 volumes por cabotagem, 247.004 kilos pela Estrada de Ferro Central, 524 volumes pela Leopoldina Railway, 1.367 ditos pela Companhia Sapucahy e 1 dito pela Cantareira.

O mercado esteve sustentado e sem mudança de preço.

A manteiga de Minas foi negociada á razão de 2\$ a 2\$400 por kilogramma e a do Sul de 1\$800 a 2\$400, conforme a qualidade.

Matte

Chegaram ao mercado 734 volumes por cabotagem, sendo a cotação feita á razão de 460 a 600 réis por kilogramma.

Milho

As entradas constaram de 769 saccos por cabotagem, 594.191 kilos pela Estrada de Ferro Central, 42.571 saccos pela Leopoldina Railway, 8 ditos pela Sapucahy e 427 ditos pela Cantareira.

A existencia nos trapiches calculada no ultimo dia do mez era de 2.182 saccos. O mercado durante o mez esteve sem firmeza.

Preços por sacco de 60 kilos :

Norte, amarello	nominal
Terra, »	4\$500 » 4\$800
Dito, » misturado.	4\$000 » 4\$500

Polvilho

Entraram por cabotagem 14.726 volumes, pela Estrada de Ferro Central 17.616 kilos, pela Leopoldina Railway 73 volumes.

Os preços regularam de 280 a 300 réis por kilogramma.

Queijo

Roceberam-se 226.086 kilos pela Estrada de Ferro Central e 2.852 canudos pela Sapucahy.

Sal

Entraram 8.434.614 kilos por cabotagem.

Preço 3\$600 a 4\$600 por 60 kilos.

Tapioca

Chegaram 20 volumes por cabotagem e 13.909 kilos pela Estrada de Ferro Central.

Preço : 300 a 340 réis por kilo.

Toucinho

Durante o mez vieram ao mercado 111 jacás por cabotagem, 189.542 kilos pela Estrada de Ferro Central, 177 jacás pela Leopoldina Railwy, 188 ditos pela Sapucahy, 176 ditos pela Companhia Therezopolis e 359 ditos pela Cantareira.

Preços por kilogramma:

Minas superior.	\$800 a \$960
Dito inferior.	\$700 a \$860

Vinho

Receberam-se 1.898 quintos por cabotagem e mais uma caixa.

Os preços regularam por pipa de 160 a 175\$000.



BIBLIOTHECA

Temos a satisfação de registrar as seguintes publicações recebidas no mez de março do corrente anno.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

- Bulletin de la Société des Agriculteurs de France*, Paris, 1 fevereiro de 1910.
Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro, Anno XXIV, ns. 3 e 4, de fevereiro, 1910.
Agricultura Moderna, do Porto, n. 7, de janeiro de 1910.
Gazeta das Aldeias, do Porto, ns. 737 e 738.
Bollettino della Camera Italiana di Commercio ed Arti in S. Paulo, ns. 72 e 73, correspondentes aos mezes de dezembro e janeiro de 1909-1910.
L'Agriculture pratique des pays chauds, no. 82, de janeiro de 1910.
Revista Commercial e Financeira, do Rio. Anno 16, ns. 703 e 704 de fevereiro 1910.
Germinal, de Buenos Aires. Tomo V, ns. 52 e 53.
Bulletin de la Société des Viticulteurs de France, de Paris, n. 2, de fevereiro.
Revista de la Asociacion Rural del Uruguay, de Montevideo, n. 2, de fevereiro.
La France Coloniale, de Paris, ns. 3 e 4, de fevereiro.
The Live Stock Journal, de Chicago. Volume 51, ns. 4 e 5.
L'Apiculteur, boletim mensal da Sociedade Central de Apicultura, de Paris, n. 2, de fevereiro.
Liga Maritima Brasileira, n. 32, de fevereiro.
Boletin de la Sociedad Nacional de Agricultura, de Santiago, de fevereiro.
Rivista di Agricoltura, de Parma, Anno XVI, ns. 4, 6 e 7, de janeiro e fevereiro.
Revue de Viticulture, de Paris, fevereiro.
Le Courrier du Brésil, de Paris.
Revista da Associação Commercial do Maranhão, Anno 11, n. 9, dezembro de 1909.
Portugal Agricola, de Lisboa, anno XXI, n. 3.
A Lavoura Paraense, do Pará. Anno III, n. 18, de dezembro de 1909.
Boletin de la Sociedad de Fomento Fabril, de Santiago. Anno XXVII, n. 2.
Bulletin of Miscellaneous Information, de Londres, n. I e Appendix n. I.
Boletim da Associação Commercial de Santos, Santos, S. Paulo. Anno VII, n. 312 e 313, de março.
Revista Commercial de Fortaleza. Anno III, n. 52, de fevereiro.
O Economista Portuguez, de Lisboa. Anno VII, n. 193.
La Quinzaine Coloniale, de Paris, n. 3, de fevereiro.
Art del Pagès, de Barcelona, Anno XXXIV, n. 904, fevereiro.
France-Brésil, de São Paulo, Anno VII, de janeiro.
Boletin de la Oficina Internacional de las Republicas Americanas, de Washington.
 Esta revista é um trabalho importantissimo de 522 paginas, repletas de illustrações bellissimas.

Além disso, é publicada em hespanhol, francez e portuguez, prende a attenção de todos quantos se interessam pela grandeza das Republicas Americanas. Temos sobre a nossa mesa o excellente numero correspondente ao mez de fevereiro.

O Fazendeiro, de S. Paulo, Anno III, n. 1, de janeiro.

The Agricultural Journal, do departamento de Agricultura de Cape Town, de janeiro.

A Vida Moderna, de S. Paulo, Anno V, ns. 66, 67, 68, 69 e 70.

Evolução Agricola, de S. Paulo, Anno I, n. 8.

O Solo, de Piracicaba, Anno II, n. de fevereiro.

Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France, N. 544, de fevereiro.

The Louisiana Planter, de New Orleans, n. 67, de fevereiro.

Boletim da União dos Sindicatos Agricolas de Pernambuco, anno III, Ns. 7 a 12, 1909,

O Herald Agricola, do Mexico, n. 2, de fevereiro.

The Southern Cultivator, Volume 68, n. 3, de fevereiro.

La Revue Avicole, de 15 de fevereiro.

Boletim do Mercado Central de Productos Agricolas, de Lisboa, ns. de abril a junho e outubro de 1909.

Revista Maritima Brasileira, anno XXIX, n. 7, de janeiro.

Boletin de la Sociedad Agricola Mexicana, Tomo XXXIV, n. 6, de fevereiro.

Boletin del Ministerio de Fomento, Caracas, Venezuela.

Boletin de la Direccion de Fomento, anno VII, n. 12, de Lima, Perú, dezembro 1909.

India Rubber World, volume 41, n. 5, de New York, fevereiro.

Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, volume VX.

Revista Social, anno III, n. 21, Rio, fevereiro.

Revista del Ministerio de Obras Publicas, de Bogotá, ns. 10 e 11, de outubro e novembro 1909.

Boletim Mensal de Estatistica Demographo Sanitaria do Rio de Janeiro, anno XVII, n. 12, de dezembro de 1909.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, Volume 12, de fevereiro.

Rèvue Générale Agronomique, de Louvain.

Experiment Station Record, volumes ns. 7 a 10.

Revista de Chimica Pura e Applicada, do Porto.

Chambre de Commerce Française, boletim mensal, do Rio.

O Rio Grande, de Bagé.

La Hacienda, de Buffalo, Estados Unidos.

Giornale d'Ippologia, de Pisa, Italia.

O Zoophilo Brasileiro, organ da Sociedade Protectora dos Animaes, do Rio.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Estado do Pará. A instrucção publica na administração do Exm. Sr. Dr. José Paes de Carvalho, governador do Estado, 1900.

O arroz de Iguape, folheto de estudo comparativo da composição chimica do arroz Iguape e do arroz de outras procedencias, pelo Sr. Lourenço Granato, a quem agradecemos a offerta.

Criação nacional, folheto para contribuição das remontas do Exército, pelo Sr. A. Fomm, S. Paulo, 1910.

Viagens pelo interior da República Argentina, pelo Dr. Antonio Carlos Simões da Silva.

Tuberculose bovina, publicação do Ministerio de Agricultura da Republica Argentina. E' um grosso volume contendo mais de 250 paginas, illustrado com 32 photographias sobre o assumpto.

Aqui deixamos os nossos agradecimentos ao Ministerio de Agricultura da Republica Argentina por mais esta gentileza da remessa do referido livro.

ESTATUTOS

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admite as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou sede no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

§ 4.º Serão associadas as corporações de character official e as associações agricolas, filiadas ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

Art. 9.º Os associados deverão declarar o seu desejo de compartilhar dos trabalhos da sociedade. Os demais socios deverão ser propostos por indicação de qualquer socio e apresentação de dois membros da Directoria e ser acceitos por unanimidade.

Art. 10. Os socios, qualquer que seja a categoria, poderão assistir a todas as reuniões sociaes, discutindo e propondo o que julgarem conveniente; terão direito a todas as publicações da sociedade e a todos os serviços que a mesma estiver habilitada a prestar, independentemente de qualquer contribuição especial.

§ 1.º Os associados, por seu character de collectividade, terão preferencia para os referidos serviços e receberão das publicações da sociedade o maior numero de exemplares de que esta puder dispor.

§ 2.º O direito de votar e ser votado é extensivo a todos os socios; é limitado, porém, para os associados e socios correspondentes, os quaes não poderão receber votos para os cargos de administração.

§ 3.º Os socios perderão somente seus direitos em virtude de expontanea renuncia ou quando a assembléa geral resolver a sua exclusão por proposta da Directoria.

REGULAMENTO

CAPITULO VI

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua accettazione.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem receber o diploma, sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do paragrapho anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.

Art. 23. Para que os socios atrasados de duas annuidades possam ser considerados resignatarios, nos termos dos Estatutos, é preciso que suas contribuições lhes tenham sido solicitadas por escripto, até tres mezes antes, cabendo-lhes ainda assim o recurso para o conselho superior e para a assembléa geral.

HORTO DA PENHA



COQUEIROS DE DENDÊ